

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

---

---

A ARTE DE VIVER

NA

SOCIEDADE



---

5.<sup>a</sup> EDIÇÃO

---



1920

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

*Rua Augusta — 44 a 54*

LISBOA



A ARTE DE VIVER  
NA  
SOCIEDADE

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA  
ANTONIO MARIA PEREIRA —  
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48  
\* \* \* LISBOA \* \* \*

A ARTE DE VIVER

SOCIEDADE

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

---

A ARTE DE VIVER

NA

SOCIEDADE

5.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1920

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

*Rua Augusta — 44 a 54*

LISBOA



208716

S.C.  
23070

A ARTE DE VIVER

SOCIEDADE

ST. RICHARD

PARTE DA SOCIEDADE DE ARTE DE VIVER

1911

PRIMEIRA PARTE



OS TYPOS





## CAPÍTULO I

### O perfeito homem de sala

A graça ingênita e involuntária, o poder de agradar universalmente e de ser considerado um modelo de perfeição mundana, o conhecimento íntimo de todos os pequenos segredos indemonstráveis pelos quaes um homem de sala se torna encantador, a arte de exercer no seu meio — frívolo embora — um poder incontestado e de ser imitado inconsciente ou conscientemente pela sua geração, não são realmente qualidades tão dignas de desdem como

á maior parte dos nossos atarefados democratas se afigura de certo.

O *janota* é réles e ridiculo; o imitador desastrado de elegancias alheias é puramente grotesco; o homem que julga dever a sua superioridade ao alfaiate e ao sapateiro, merece a compaixão de todo o ser pensante.

Mas o homem que realisa em si um typo ideal de galanteria, que impõe a quem o cerca a sua personalidade, por *differente* que ella seja de todas as outras; que inventa uma nova fórma de elegancia, que domina a moda do seu tempo, impondo-lhe a tyrannia da sua vontade e do seu gosto — esse homem é tão digno de attenção e de apreço como outro qualquer artista notavel.

O *dandysmo* é um genero.

Se distinguir-se n'este genero póde manifestar superioridade, brilhar acima de todos os mais differenciando-se d'elles, póde manifestar genio.

E' claro que n'este momento nós estamos definindo a significação moral do *dandysmo*.

E' muito provavel que para a maior parte

dos homens serios nossos conhecidos ella seja simplesmente irrisoria. Os homens serios já se vê que não sabem tudo e confundem numerosas cousas.

O que affirmamos comtudo é que essas figuras maravilhosamente dotadas pela graça exterior, e pela comprehensão intellectual do seu papel na sociedade, são tão raras como os verdadeiros *grandes homens*.

E quantos *grandes homens* têm anteposto a tudo o desejo de fascinarem as mulheres e de serem amados por ellas! Quantos têm preferido a superioridade que dá o applauso universal, a homenagem unanime dos salões, ás grandezas mais solidas e mais *humanas*!

A grande base em que o *dandysmo* assenta é a vaidade. E qual é a qualidade fundamental do character do homem? Não pôde considerar-se estranho á fraqueza de gostar de agradar quem repetir com sinceridade o celebre dicto do poeta latino: *Sou homem e nada do que é humano pôde ser-me estranho*.

Para confirmação d'esta doutrina, enumeremos alguns dos raros nomes que ficaram na

Historia ou na Tradição como exemplos de galanteria inultrapassavel, de indefinivel e poderoso encanto, de fascinação ao mesmo tempo aristocratica e humana.

Estamos por enquanto fóra dos limites da convenção em que já vamos entrar.

Não apresentamos ainda as leis, não redigimos ainda os formularios; folheamos as paginas das *chronicas galantes* da França e da Inglaterra.

Se não vamos a Roma e ao resto da Italia, não é que lá nos faltem exemplares admiraveis. Como vemos n'um livro recente e quasi universalmente lido, Petronio, o *arbitro das elegancias*, representa o typo encantador do homem do *mundo* na antiguidade pagã.

*Cesar Borgia*, foi o homem mais bello (antes da doença o desfigurar), mais bem vestido, mais elegante do seu tempo. Os Medicis tinham o *dandysmo* da arte e o da sciencia. Nada mais *fastiento* que o gosto d'estes pagãos da Renascença. Nas pequenas côrtes italianas a flôr da elegancia, da graça mundana desabrochou n'uma deslumbrante opulencia de côres. Mas

essa valente raça, amando mais a Natureza do que o convencionalismo, não deu á vida de salão a importancia que esta adquiriu em França e na Grã-Bretanha por exemplo. A Paixão teve na Italia mais devotos do que o Bom Gosto.

E é o Bom Gosto que domina nas salas.

\*

Na França cada reinado nos aponta um ou dois nomes brilhantes no genero que estamos estudando.

Ha generaes d'uma intrepidez heroica, ha poetas d'um engenho superior, ha escriptores d'uma fama incontestada.

Figuras que a sociedade reconheça como typos definitivos da graça ideal com que ella sonha constantemente, essas são sempre em numero reduzidissimo.

O complexo de qualidades excepçionaes que essa fragil e melindrosissima realza reclama, a grande, superior e incontestada influencia que é necessario exercer para não ser destthro-

nado d'um poder feito do que ha mais frivolo e tambem mais caprichoso na intelligencia humana — tudo isso torna difficil o papel e raros os que se habilitam para cumpril-o.

Quantos homens notaveis teve por exemplo a França no tempo de Henrique IV? No emtanto só Bellegarde e Bassompierre são apontados pelas chronicas do tempo como tendo satisfeito cabalmente os requisitos de cavalheiresca elegancia, de imponderavel e fascinador encanto que era necessario realisar sob a fórma especial que a epocha reconheceu como sendo a melhor, para representar na sociedade de então esse invejadissimo papel.

Foi ainda Bassompierre quem no tempo de Luiz XIII continuou a cingir nas mãos sexagenarias o sceptro dos requintados primores e das mais distinctas elegancias cortezãs.

Dizia Madame de Moteville «que os restos do sr. de Bassompierre valiam muito mais do que a mocidade de todos os outros».

E' que elle tinha o estranho *não sei quê* que fascina homens e mulheres, e faz com que estes reconheçam a indefinivel superioridade de

um homem, sem tentarem sequer fugir ao seu poder.

Luiz XIV teve na sua côrte, — a qual fez da galanteria um curso, da etiqueta uma sciencia, da correcta elegancia uma religiãõ, da cortezia mais rigorosa um dogma sem herejes — muitos homens distinctos pelas maneiras e pelo porte fascinador. Comtudo diz-se que a todos elles levavam sempre a palma o marquez de Vardes e o cavalleiro de Grammont. Succederam a estes dois heroes da realeza mundana Richelieu e Lauzun. D. Juan reconhecer-se-hia n'essas figuras typicas do cynismo elegante. O cynismo era então moda.

O conde de Artois, depois Carlos X, o barão de Bezenval e o conde de Vaudreuil foram os principaes elegantes da côrte já mais tempestuosamente agitada de Luiz XVI.

A Revoluçãõ, já se vê, não teve *dandys*.

Reinavam pelo terror e pela fascinaçãõ feli-na, os terriveis proconsules sob a tyrannia dos quaes a França aristocratica, a França elegante e frivola se acurvou transida de espanto!

Mas alli mesmo durante a sanguinaria orgia

sublime que deu ao mundo moderno uma forma nova, houve francezes que se distinguiram pelo primor pessoal e pelo cuidado extremamente apurado das suas terriveis pessoas.

Robespierre foi um d'esses.

O pavoroso fornecedor da guilhotina tinha a innocente paixão dos colletes vistosos.

A Justiça no mundo, o Ente Supremo no Céu, e uma casaca bem feita no proprio corpo foram incontestavelmente os tres desejos ideaes da sua vida.

Durante o imperio napoleonico o *mot d'ordre* foi o militarismo. O melhor *dandy* era o que mais alegre ia para o fogo, como a mulher mais interessante foi a que deu mais filhos ao paiz, quer dizer aquella que se julgava então, que daria mais soldados ao exercito.

O fundo conserva-se sempre inalteravel.

Reinam acima de todos os caprichos da moda os que conseguem ser mais adorados pelas mulheres e mais invejados pelos homens, sob a forma com que mais sympathisa cada periodo social.

E' necessario ter as mesmas qualidades para,

sob um ou outro aspecto, realisar o mesmo typo.

O heroe da Restauração foi o visconde Sosthenio de La Rochefoucauld, a quem succedeu o conde de Guiche sob o reinado de Carlos X. O conde d'Orsay, o duque de Morny são ainda do nosso tempo, e todos temos ouvido falar d'elles com enlevo e adoração.

\*

Em Inglaterra a preocupação do *dandysmo* actua mais fortemente ainda que na França.

Antes de inventado o termo generico, que caracteriza essa especie de superioridade, já a sociedade ingleza tinha os seus *dandys* favoritos.

No tempo de Isabel, a *rainha virgem*, reinou no alto mundo inglez a pretensão ambiciosa de agradar á rainha, conquistando as boas graças da mulher.

Sir Walter Raleigh, o conde de Leicester, Essex e alguns mais, luctavam entre si em galanteria e graça com este unico fim.

Segundo se diz conseguiram agradar e expiaram cruelmente a victoria ephemera.

Buckingham, Sheridan, Byron, o famoso Brummell, são os heroes mais celebres que a chronica de Inglaterra aponta á admiração dos devotos d'esta seita.

Byron dizia que preferia ser Brummell a ser Napoleão.

Barbey d'Aurevilly consagrou ao elegante inglez um volume interessantissimo em que formúla as leis que regem o *dandysmo* e que produzem o *dandy*.

O *dandysmo*, de resto, acclimado em França antes mesmo de ter nome, é, segundo B. d'Aurevilly, não a fórma universal da vaidade humana, mas uma fórma de vaidade muito particular: a vaidade ingleza. E' a força da originalidade ingleza, imprimindo-se na vaidade humana que produz o *dandysmo*.

As duas diversidades do mesmo typo — o Inglez e o Francez — podem encontrar-se representadas em Richelieu e em Brummell.

São os dois elegantes mais celebres que tem talvez o mundo; n'elles a qualidade principa-

lissima é a vaidade — como de resto em todo o homem de sala. As diferenças entre uns e outros dependem apenas de dóse. Segundo esta se combina, em maior ou menor gráu, com as outras qualidades de character, assim o *dandy* apresenta um aspecto mais ou menos *tranché*.

Vaidade enorme; egoismo feroz; tédio das convenções sociaes, vivendo na estreita prisão em que ellas encerravam o homem; insolencia ingenita; desdem de tudo e de todos; excêntrica acompanhada pelo gosto mais *fastien-to*; faculdade de fascinar sem poder nunca ser fascinado; impenetrabilidade de coração; insensibilidade quasi absoluta; e poder de suggestão exercido sobre as mulheres e sobre os homéns de um modo irresistivel: — eis o que constituia a soberania de Brummell e tambem a de Richelieu.

Cada um conforme o character da sua raça, um com mais graça, outro com mais originalidade, um com um elegante cynismo que se occultava sob as fórmulas mais suaves, outro com uma insolencia brutal, ás vezes intoleravel.

Não se póde ser *homem do mundo* na acceção ampla e complexa d'esta palavra, sem ter em gráu maior ou menor as qualidades que acima ennumeramos e mais o exterior proprio para inspirar esta especie de fascinação especial, ephemera e violenta ao mesmo tempo.

\*

Traçar o retrato d'estes homens como os conhecemos na Historia, na Lenda, e na Chronica, é o mesmo que dizer que a sociedade portugueza não tem, nem póde ter, um unico d'esses typos. Não os conhecemos nem mesmo por tradição.

Falta-nos, além do theatro social, a originalidade do character sem a qual o *dandysmo* é um arremedo comico.

Talvez que a unica figura que se aproxima do typo, que Barbey d'Aurevilly celebrou n'um hymno de adoração, fosse Antonio Pereira da Cunha {Sottomaior, nos seus tempos aureos.

\*

Sendo a *originalidade* a condição absolutamente indispensavel para este genero de caracteres, a unica coisa que um *Manual de sciencia mundana* não poderá nunca ensinar é a arte de ser um perfeito *dandy*.

Nasce-se com esse dom ou nasce-se sem elle.

No emtanto, n'uma sociedade constituida como a nossa, em que ha uma delimitação estabelecida entre os poderes sociaes e os poderes mundanos, em que d'um lado estão os homens que figuram na politica, na arte, na litteratura, no Pensamento emfim, do outro lado estão os homens que figuram nas salas, o *dandyismo* é impossivel, é inaclinavel.

E' necessario notar que os maiores *dandys* eram, ou foram ao declinar da vida, grandes estadistas, grandes poetas e grandes politicos. Brummell é um dos poucos, é talvez o unico que não foi nada.

Sheridan era um orador adoravel e um dramaturgo distincto. Buckingham foi o ministro poderoso de Carlos II. Byron foi o grande poeta

que sabemos. Alcibiades, o *dandy* grego cujo nome n'este momento me acode aos bicos da penna, dominou em Athenas. Richelieu foi marechal em França. Morny teve na sua mão a politica do segundo imperio.

Não ha mesmo nada que mais habilite a conhecer os homens do que ter sabido estudar as mulheres!

O *frac* mais ou menos bem talhado, a casaca de seda ou de panno, preto ou de côr, o collarinho d'este ou d'aquelle feitio, o molde do collete, a perola preta ou branca na casa do peitilho alvissimo, o cravo ou a gardenia na *boutonnière*, são apenas accessorios, que elle ou inventa ou aproveita, sem lhes ligar por isso mais attenção. Os mediocres imaginam que é o habito que faz o mundano: ora a verdade é que o mundano é que fez sempre o *habito*.

Certo figurino foi adoptado porque um homem de gosto o approvou, nunca o homem de gosto foi reconhecido por tal, por ter usado um certo figurino.

\*

Para exercer n'um meio de alta cultura o papel de *homem do mundo-typo*, d'aquelle que todos invejam, d'aquelle que todos admiram, d'aquelle que os mediocres parodiam, e que os homens superiores de outra plana maldissem surdamente, por se verem em frente d'elle injustamente preteridos—para ser em Londres um Brummell, no Paris do segundo Imperio um d'Orsay, na França monarchica um Lauzun, amado pelas princezas, ou um Richelieu passando de conquista em conquista com um sorriso enigmatico e cruel nos labios desdenhosos; para realisar o ideal que foi o enlêvo não confessado de Balzac, e confessado de Stendahl, é realmente necessario possuir qualidades excepcionaes, e um temperamento organizado para a lucta e para a victoria.

A valentia e o desprezo da morte, fazem parte d'estas qualidades. Mas tambem fazem parte d'ellas a crueldade de coração mais completa, o endurecido egoísmo mais implacavel.

Um homem d'estes vive de inspirar paixões

a que não corresponde, affectos que esmaga com cynico desplante, dedicações femeninas que aproveita e que desdenha pouco depois.

Balzac que, como já dissémos, tinha um fraco por este genero de figuras sociaes, tem d'ellas na sua obra de gigante uma galeria magistral.

O dandy perverso é Maximo de Trailles; o dandy corrupto e *bon enfant* é Luciano de Rubempré; o ambicioso, o politico profundo para quem a sala é o theatro e a mulher o instrumento mais util é de Marsay ou Rastignac.

Quem tiver pois as qualidades terriveis, mas fortes, que o dandy perfeito e superior precisa de ter, está mais perto do heroe que do mediocre.

\*

Mas será racional apresentar na vida da sociedade estes homens como exemplos a seguir, e typos a imitar? Não. Começando a descrever as convenções e os usos pelos quaes uma sociedade existe e resplende apparatusamente, quizemos apresentar os typos masculin-

nos em torno dos quaes a *élite* menos brilhante evoluciona, n'um desejo instinctivo de imitação servil ou de assimilação intelligente.

N'esse *meio* convencional onde se celebram os ritos que vamos miudamente descrever, os personagens que sobre todos os outros destacam e que imperiosamente dominam a atenção dos mil satellites, são estes, ou outros que com estes se parecem. Os costumes, as leis que todos respeitam, são muitas vezes elles que os teem inventado e creado.

Por isso não será descabido o tratar d'elles n'um volume que versa principalmente sobre assumptos em que foram sempre insignes.

---





## CAPITULO II

### A senhora da alta sociedade

Para encontrarmos esta figura no esplendor maximo que lhe foi dado realizar, e que é n'este instante o que nós queremos, não podemos procural-a nem no nosso meio democratisado, nem no seculo XVII, apesar da regularidade magnifica e da ordenada symetria das suas linhas. N'esse tempo a sociedade concentrava-se em Versailles, isto é, em torno do rei: o que depois se chamou o *mundo* não existia ainda.

A *senhora da alta sociedade* que vive unicamente para representar n'ella, e que não conhece senão o apparatus convencional d'essa eterna representação, não é nem a patricia esplendida da Renascença, amando as artes e protegendo os artistas, nem a bella Margarida de Navarra, apaixonada como uma italiana, elegante como uma franceza, e dando á côrte dos Valois um toque de peccaminosa graça, seductora sim, mas violenta em demasia. Não é a ambiciosa marquez de Montespan, ou a dôce La Vallière, ou a correcta e fria Maintenon. Viviam para outras [cousas e, que não eram propriamente aquellas de que estamos fallando, essas heroínas de apaixonadas lendas ou de pedagogicas e devotas historias.

O *meio* em que a *mentira amavel*, que é o fundo da vida mundana, triumphou e brilhou em mais viva irradiação, foi o seculo XVIII em França.

Tem tres epochas distinctas esse seculo em que a sociabilidade deu a sua mais bella flôr.

Os Goncourt que o estudaram e conheceram como ninguem — na sua obra de arte, no

seu mobiliario, nos seus costumes, na sua litteratura, nos seus documentos intimos, em todo o genero — fazem representar por tres salões estas tres epochas distinctas.

No primeiro salão, dizem os admiraveis pintores d'esta epocha interessantissima, a sociedade tem ainda um cunho levemente familiar.

E' uma assembléa intima, um prazer que tem a pacificação agradavel do dia seguinte ao de um baile.

Na sala larga e de altos tectos, entre as paredes onde quadros de mestres mostram nymphas vestidas pelos longos cabellos, na ramagem dos fôrros de seda, nas pesadas poltronas de braços e pés contorcidos, ao pé do fogão onde arde um lume claro e de cujo marmore se ergue um espelho coroado de se-reias, o olhar como que parece repousar n'um delicioso *Decameron*. A nobreza abandonou ha pouco os seus palacios de familia, e guarda ainda uma enternecida e vaga lembrança da nobre vida passada nos seus dominios senhoriaes.

O segundo salão— correspondente a um segundo periodo— é brilhante e ruidoso, como nunca o outro foi.

O brocado cáe em geitosas pregas ou se ergue em *draperies* molemente apaphadas nos reposteiros e nos cortinados. Por sobre as portas brincam e esvoaçam os pequeninos Cupidos bochechudos. Medalhões temininos sorriem nos *trumeaux*. Das rosaceas do tecto pendem lustres de Bohemia radiantes de esplendor. As pratas de Germain e as pyramides de fructos raros apparecem ao fundo, pela porta entreaberta, atravez da qual se avista o buffete da casa do jantar.

O luxo dos vestuarios, o brilho deslumbrador das joias, a vivacidade alegre das danças que se entrelaçam, deslisando pelos mosaicos do chão, as graças languidamente mimosas das lindas e empoadas mulheres, não podem descrever-se.

Lauzun traz as suas *manchettes* de pelles preciosas, talhadas nos mantos das princezas polacas, que por elle se perderam de amor; as mulheres vestem-se de rendas diaphanas de Malines e de *vieux-point*.

A conversação é alegre, frívola, espumante. Os leques pintados por Watteau e Lancret palpitam nas pequenas mãos que parecem feitas das petalas dos lyrios.

E' um momento de festa encantador que a arte plastica do tempo fixou em deliciosos quadros, e que não póde mais repetir-se nos seculos. E' o amor, a mocidade, a mais nobre elegancia d'um periodo, que não resurge; a flôr de todas as suas aristocracias no momento rapido em que desabrocha, na hora suprema que antecede apenas a decadencia fatal.

O terceiro salão já não tem nem o abandono familiar do primeiro, nem a faiscante alegria luxuosa e requintada do segundo. E' grave, um pouco sentencioso, sério, vagamente entristecido pelos presentimentos do *fin* que já pairam no ar. Não se dança já. Conversa-se mas em grupos. Um ou outro isola-se e lê um pamphleto da epocha, ou um livro.

E' ainda a sociedade; mas o prazer de pertencer-lhe, o *encanto de viver*, que Talleyrand celebrou, está prestes a esvaír-se.

O que houve depois d'estes dois periodos

chama-se do mesmo modo *sociedade*, mas que estranha differença nos offerece!

A verdadeira *mulher do mundo* é n'esse tempo quem reina e de um modo que não fôra ainda attingido antes, e que não torna a ser igualado.

A vida de familia, as virtudes domesticas tão queridas no nosso tempo, estão, é fóra de duvida, na sombra. Sempre em scena, a mulher pertence ao *theatro* em que brilha, é escrava da obrigação que contrahiu.

Bailes, representações *theatraes*, cerimoniaes da *côrte*,—complicadas e longas—ceias, caçadas, audições de operas italianas ou francezas, saraus em que se dance ou se converse—eis o que occupa e enche a vida de todas as mundanas illustres d'esta epocha de folia perpetua. Não teem tempo para mais nada. Nem durante os momentos em que se penteiam deixam de estar acompanhadas. Doentes, recebem na *ruelle* dos seus leitos principescos a *côrte* que cada uma d'ellas tem, e da qual é a um tempo escrava e senhora absoluta. |

\*

A educação tem um fim unico: — formar essa creatura de nervos de aço, resistente e fortissima, de encantador e prestigioso aspecto, que se faz bella á força de arte, quando a Natureza se esqueceu de o ter feito, que sorri, anda, pára, dança, cumprimenta, sempre com suprema arte; que acolhe com uma infinidade extraordinaria de *nuances* diversas as differentes pessoas que lhe são apresentadas; que se veste na perfeição, conversa com uma ligeireza e uma graça inimitaveis, preside a um salão com uma mestria genial, e não tem um pensamento que não dimanhe da sociedade ou não convirja para ella.

A princeza de Talmont, madame de Beauvau, madame de Bouflers, madame de Luxemburgo, a duqueza d'Aiguillon, a princeza de Bouillon, madame de Brionne e muitas mais ainda, que seria longo citar, são typos d'esta excellencia mundana cujo molde se perdeu.

A abundancia mesmo d'essas formosas figuras mostra quanto o [meio] lhes era favoravel.

A sociedade do tempo dividia-se em salões innumerados.

Cada um tinha o seu grupo especial, o seu ramilhete de mulheres formosas; mais tarde o seu sabio, o seu poeta, o seu philosopho.

Cada *coterie* tinha a sua especialidade. Uns, as ceias que davam, a que *todo o Paris* famoso do tempo desejava concorrer, ao menos uma vez. Outros, as lindas representações theatraes em que se exgotava o repertorio de Marivaux e congeneres.

Esta celebrisára-se por um baile de mascaras *unico*, como o que a duqueza de Mirepoix offereceu a madame d'Henin e no qual appareceram vinte e quatro homens e vinte e quatro mulheres em trajos do Celeste Imperio divididos em seis grupos de quatro pares, o primeiro dos quaes era conduzido pelo duque de Chartres e pela condessa de Egmont.

\*

As rivalidades de salão para salão eram terribes; a *marechala* de Luxemburgo tinha como

émula outra *marechala* não menos celebre: a de Beauvau.

Ambas eram mestras das elegancias sociaes; conselho e modelo dos usos mais requintados da sociedade. Uma era mais celebre pelo seu espirito mordente, outra pela sua polidez animadora, que sabia acolher, proteger os inexperientes, insinuar-se pela doçura, e não impôr-se pelo sarcasmo.

A este typo de *grande dame* puramente mundana, e versando com magistral sabedoria a arte de viver na sociedade e de formular as leis pelas quaes ella se rege, succedeu uma pleiade, uma geração de mulheres, juntando a essa soberania que exerciam, outra, mais litteraria, mais intellectual.

As primeiras tinham sido innumeradas; sob os seus auspicios aprendia-se a viver, a conversar, a mover-se com facil elegancia nos mais elevados circulos, a ter a propriedade de expressão, a graça do gesto, a benevolencia superior, ou a ironia subtilmente requintada.

Sob o reinado das outras iniciou-se a mudança do regimen politico.

Os salões de madame du Deffand, de madame de Geoffrin, de madame Necker, de mademoiselle de Lespinasse, foram um poder politico e um poder social de primeira ordem.

Estas mulheres são a crystalisação mais perfeita d'esta forma de espirito, inventada pela França, e que o mundo europeu tentou depois imitar, sem nunca o conseguir completamente.

\*

Para poder ser classificada em qualquer das duas variedades distinctas do mesmo typo, é necessario possuir por natureza muitos talentos que se não ensinam, e ao mesmo tempo ter nascido e vivido n'um tempo em que essas qualidades naturaes encontrem a conveniente e cuidadosa cultura.

Estas figuras de tão alta distincção e de tão despotica influencia já não existem em parte alguma. Não tinham que fazer, desappareceram. Não podiam reinar, abdicaram.

Póde-se, porém, sem se ser propriamente o que ellas foram, ser uma mulher superiormente

cultivada para a vida social de hoje, tão diversa da vida antiga.

As mulheres têm incontestavelmente mais aptidões que os homens para este género de existencia. *Agradar* é para ellas um instincto e uma necessidade.

Se não temos *salões* como os que conheceu o regimen antigo, temos muitas senhoras que, sem descurrem os seus deveres de mães de familia, sabem receber, conversar, exercer uma hospitalidade graciosa e fina, encontrar para cada pessoa phrase que mais lhe agrade ou o assumpto que mais grato lhe seja.

E' mais difficil, n'um tempo que lhe é tão hostile, exercer este genero de mundana superioridade.

\*

A *grande dame* é sempre indulgente, affavel, e despretenciosa. Não dá attenção a cousas que preoccupam muita gente menos altamente qualificada, sabe distinguir o ouro do pechisque, e o verdadeiro do falso merito. A sua maneira de vestir-se distingue-se pela simplici-

dade artistica; a sua linguagem pela ausencia de emphase rhetorica; não é *bem falante*, nem trivial. Mas entre uma locução popular e uma rélesmente apurada, prefere... a primeira. Não falta a nenhuma attenção que deva, mas releva facilmente as faltas que tenham como origem a ignorancia de certas regras. O *bezerro de oiro* não lhe merece culto. Uma pessoa pobre sente-se ao pé d'ella mais á vontade, do que ao pé d'um enriquecido da vespera, apoplectico de vaidade. Quando é rica faz perdoar até aos invejosos essa riqueza tradicional e herdada *de que não tem culpa*.

O seu severo gosto reflecte-se em tudo que a cêrca e lhe diz respeito. Denuncia-se no modo até por que os seus creados lhe falam. As suas equipagens, as suas salas, os seus vestidos, os seus jantares, as suas festas, tudo faz vêr quanto cuidado, quanta intelligencia, quanta attenção penetrante e subtil é necessario desenvolver para ser em tudo impeccavelmente correcta. Procura instruir-se porque sabe que hoje uma alta cultura é inseparavel da verdadeira superioridade, mas não impõe com a sua sciencia

---

nem tem a pedantesca impostura do seu proprio saber.

Sabe pôr no seu logar um insolente; sabe animar um timido; sabe acariciar um susceptivel, e dar a um orgulhoso e a um esquivo a consciencia do valor que porventura tenha.

Na sua maneira de tratar os inferiores, ha a graça mysteriosa e indefinivel da verdadeira bondade.

Ninguem ousa faltar-lhe ao respeito, nem offendel-a com familiaridades inopportunas.

Ser distinguido por ella é ainda um prazer delicadissimo; perto d'ella é possivel esquecer que as *fórm*as, as fórm<sup>a</sup>s exteriores, menos flexiveis, menos maleaveis, mais inteiriças, são afinal de contas o que resta unicamente d'essa antiga noção da vida social, que produziu tantos typos de incomparavel valor artistico, e que teve de morrer com o regimen que lhe deu origem.

---



### CAPITULO III

#### O Snob

E' necessario consagrar a este phenomeno da vida social contemporanea um capitulo inteiro.

O. *snobismo* tem um nome só e mais de mil aspectos e formas differentes, de modo que não ha regras geraes para o definir, nem uma lei sob a qual elle possa ser classificado.

A's mais extranhas e variadas manifestações da vaidade, da estupidez, da especulação das cousas da sociedade, do espirito servil de imitação, do frivolo mundanismo, o mesmo nome póde ser applicado.

E'-se *snob* em religião, em arte, em sociabilidade, em litteratura, em amisade, em odio, em toilette, em maneiras.

E'-se *snob* nas predilecções, nos gostos ; na escolha dos amigos, da mobilia, da toilette ; na maneira de educar os filhos ; de pensar, de sentir.

E'-se *snob* em politica, em moral, em philosophia.

A diversidade de modos por que se póde ser *snob* não tem calculo possível.

Thackeray, o admiravel romancista satyrico que fez da sociedade e da aristocracia ingleza a pintura mais cruel e *realista*, que talvez se conheça em arte, que foi depois de Hogarth o demolidor mais implacavel das pretenções da grande roda britannica, foi o primeiro quem deu fóros de fidalguia litteraria a esta palavra inclassificavel: *snob*. O seu livro intitulado *Book of snobs* é uma obra incomparavel de estudo psychologico e social.

\*

O *snobismo* applicado á devoção consiste por exemplo na escolha de certo confessor com preferencia a outros, por aquelle ter uma clientella mais *select*; na preferencia de certa e determinada capella para fazer as devoções quotidianas; no modo de estar na igreja dando nas vistas pelas excessivas manifestações de devota absorpção; fazendo gestos de extatica, escondendo o rosto nas finas mãos estrelladas de diamantes de uma maneira especial; mudando frequentemente de livro para livro, e todos enormes, guardados em sacco brazonado, que um laçao collocou previamente ao pé do lugar escolhido para essa conversa espectacular e, a meu vêr, irreverente com Aquelle que ouve o silencio, e sabe lêr no intimo dos corações, estremando o trigo do joio, como soube em quanto andou na terra viver sómente com os humildes, estremar os crentes dos phariseus, e os sinceros dos hypocritas.

N'esta especie de *snobismo* incluye-se tambem uma certa ordem de opiniões. E'-se de um

partido ou d'outro, mesmo em questões travadas lá fóra, n'essa Europa inquieta, agitada, sempre em ebulição, conforme se é ou não *snob* n'estes assumptos que deviam sêr tão puramente intimos e sagrados.

\*

O *snob* em arte gosta do que está em moda. Dá cabo pela sua intervenção atarantada e ignara dos assumptos mais interessantes. Cobre de ridiculo os nomes mais bellos, e mais dignos de eterna e permanente adoração. Ora tem a mania dos *primitivos* e estafa os nomes de Fra Angelico, de Benozzo Gozzoli, de Boticelli principalmente, que é o seu *cavallo de batalha*, ora se apaixona pelos poetas, ou pelos criticos e moralistas como Rossetti ou como Ruskin, por exemplo, que nunca leu nem decifrou, pois que é necessaria uma cultura intensa e demorada para comprehender a obra do primeiro, e os intuitos e a theoria *ondoyante e diversa* em que o outro se manifestou creando um nome fulgentissimo, fazendo penetrar na arte a re-

ligião e a moral, fazendo penetrar na moral a poesia, e a esthetica, dando emfim o typo mais pittoresco, e mais rico em *nuances* do espirito anglo-saxonio, de que elle é um dos representantes superiores.

A proposito ou a desproposito, o *snob* em arte desenvolve theorias abstrusas que elle não digeriu nem assimilou, e que não passam de arremêdo comico das cousas, que na sua essencia são o patrimonio mais bello e mais opulento que o espirito humano possui, mas que tractadas e interpretadas por elle se tornam supremamente ridiculas.

E Wagner, Burne Jones, Botticelli, Swinburne, Gabriel de Annunzio andam em bolandas na conversa d'estes impostores da Arte, que em linguagem exotica se chamam *snobs*, e a que muita gente simples e ingenua dá creditos de grandes entendidos.

\*

Em cousas da sociedade, o *snob* é o que quer ser de tudo, fazer parte de tudo, ir a tudo;

estar ao corrente de tudo; conhecer a intriga mundana em todos os seus escaninhos mais secretos; não faltar a nenhuma festa a que seja *chic ter ido*; conhecer de perto as mulheres mais elegantes, os homens de *sport* mais notorios; jogar os jogos de sociedade cuja sciencia constitue já por si uma distincção, isto porém com os parceiros que estejam mais altamente cotados ou em hierarchia ou em *moda*; não deixar de apparecer em nenhum jantar diplomatico, ainda que mais não seja, como *quatorzième*;—porque ha *snoobs* de todas as cathegorias; discursar com proficiencia sobre o assumpto palpitante do dia; saber *apanhar* sem parecer que dá por isso; ser emfim ou primeiro papel ou comparsa na scena social, mas sê-lo sempre, sem que ninguem lhe roube esse direito que elle compra carissimo e do qual não abdica.

O *snob* mundano é talvez de todos o mais antipathico, porque ás vezes é feroz. Os outros são simplesmente divertidos, este é alguma cousa mais e menos. O *snob* quando não consegue tudo que quer, tem uma lingua pessima. Aviso aos incautos.

\*

O *snob* em amizade é o que procura para a sua convivência sómente quem por algum qualificativo se distinga do monotono rebanho social.

Gosta de viver com grandes fidalgos, ou com grandes extravagantes, com grandes dandys, com politicos eminentes ou com homens de talento incontestado.

O *snob* d'esta familia especial tem uma doce illusão: julga *que se lhe péga* a qualidade mais ou menos brilhante do amigo ou conhecido, que procura e escolhe.

Desdenha as rezes do rebanho humilde que pasta e esmoe pelas pradarias infinitamente recortadas da vasta campina que se chama *mundo*...

O que elle quer é estadear-se ao pé de quem tenha, d'entre esse rebanho de anonymos apenas distinctos por classes, o nome individual que destaque.

Este *snob* é arrogante com uns e extremamente amavel, quasi servil com os outros. E

entre os seus diversos conhecimentos, todos evidentes, todos brilhantes, sente-se um traço de união necessario, e tira d'isto a maxima vaidade.

\*

O *snob* é muito mudavel e inconstante, por que não sendo  *pessoalmente* nada, tem de obedecer de cada vez ao impulso que vem de fóra e que oscilla e varia continuamente.

Não se atreve a ter uma opinião que vá contra a opinião mais em voga; nem de arcar contra um preconceito elegante; nem de fazer publico acolhimento a um amigo de infancia, que se tenha conservado  *pé de boi* e burguez dos quatro costados; nem de insurgir-se contra uma moda imbecil; nem de desprezar uma cousa que seja acceita nos circulos mundanos. O *snob* não tem ideias suas, não tem amigos seus, não tem auctores que possa livremente louvar; nem musicos que se atreva a proclamar como seus dilectos.

Se não entender Wagner, hade gostar d'elle

á viva força, e desprezar Meyerbeer e Gounod que entende muito melhor.

Se não puder supportar a pintura symbolista, por exemplo, ha de fingir que a percebe perfeitamente, e architectar sobre esse falso gosto, uma theoria de arte tão falsa como elle.

Se fôr moda ser magro, ha de apertar-se dentro de uma couraça de ferro que o cinja, e beber vinagre dia e noite, até se fazer cadaverico á força de tortura. E assim por diante.

Como porém classificar esta especie de tão varias familias chamada *snob*?

Como exemplificar todos os modos por que na sociedade se é, e se póde ser *snob*?

A gente conhece-os, aponta-os, ri-se d'elles, mas nunca póde expôr uma série completa de signaes exteriores pelos quaes elles sejam universalmente reconhecidos.

Talvez que a unica qualidade genericã por causa da qual todos os *snobs* possam vir a ser assignalados, sob uma bandeira unica, só, seja esta:

O *snob* é sempre aquelle que figura ou pretende figurar n'um *meio* que não é o seu meio natural.

Nunca é *snob* de arte, um artista; nem *snob* da religião um crente; nem *snob* da elegancia ou do mundanismo um verdadeiro elegante, e um verdadeiro homem do mundo; nem *snob* da riqueza quem já nasceu *millionario*; nem *snob* da fidalguia um nobre de larga ascendencia historica.

O *snob* é o intruso, o intrometido.

O *snob* é aquelle que não conhece a fundo as theorias que professa; que não tem por motores na vida nem a independencia, nem a simplicidade, nem a verdade, nem a ingenua obediencia aos impulsos do coração, nem a reflectida convicção a respeito das grandes e pequenas cousas.

O *snob* é finalmente o *impostor*.

## CAPITULO IV

### A dona de casa perfeita

Nada mais difficil de realizar absolutamente, e nada mais facil de descrever em theoria.

Parece simples a missão da verdadeira dona de casa. Diz-se geralmente que sendo esse o destino da mulher, são para ella de facil comprehensão os deveres que esse destino lhe impõe, e no emtanto quem attentar conscienciosamente nas complexas aptidões que taes deveres exigem, verá que poucas mulheres os entendem e poucas os executam.

Ao contrario da *mulher de sala* — cuja primeira aspiração é brilhar, e que muitas vezes obrigada pela alta posição que occupa, ou que o marido ambiciona, outras vezes induzida pelos proprios gostos, vive principalmente para o mundo e pelo mundo, dando jantares, bailes e recepções deslumbradoras, assistindo a frequentissimas festas, impondo a *sua maneira* especial de vestir-se e de adornar-se, sendo rainha incontestada no reino da moda e da dissipação mundana, — ao contrario d'essa brilhante personalidade que se distingue ou pela pompa ou pela distincção rara do seu gosto, ás vezes por uma formosura excepcional, outras vezes por um tacto especialissimo, a verdadeira dona de casa vive dentro do seu pequeno e restricto imperio, cumprindo exactamente os deveres que a polidez social impõe, mas não se deixando tyrannisar pelos seus excessos ou pelas suas convenções.

\*

Dentro porém da esphera em que ella gra-

vita como astro benéfico de doce e caricioso influxo, quantas obrigações requerem toda a sua paciência, quantas dificuldades exigem toda a sua penetração, quantos gostos diversos precisam, para que ella lhes dê as satisfações necessarias, da sua abnegação completa, da sua graça intelligente e fina!

Ha o marido, os filhos, os creados, ou velhos e n'esse caso exigentissimos e cheios de rabugices comicas e importunas, ou novos e sem a mais remota comprehensão do proprio dever. Além d'esses mais directamente interessados da boa harmonia e no bom manejo da casa, ha os parentes proximos, os sogros, os paes, os tios, os amigos velhos, os *intimos* a quem é necessario attrahir, encantar, seduzir pelo bom e amavel acolhimento de todos os dias e todas as horas.

Manobrar com *sincero* desejo de agradar a todos, e com habilidade premeditada em longas horas, no meio de tantos interesses e caracteres diversos; ter a economia vigilante e intelligente, que desdenha todas as mesquinheiras e dispensa todas as superfluidades; ter o

gosto apurado que põe um toque d'arte, de espiritualidade, de elegancia, em cada arranjo prosaico do lar domestico; ser alegre sem ser leviana; ser boa sem ser fraca e excessivamente transigente com os caprichos alheios; fazer-se respeitar e amar ao mesmo tempo, dos inferiores com quem se lida, do *senhor* de quem se depende, dos filhos cujo character se pretende affeição; — ah! bem vêem que estas occupações multiplas, que estes diversos deveres, que estes encargos complexos, que estas preocupações moraes elevadissimas, absorvem absolutamente uma vida inteira de mulher.

\*

A polidez, a exactidão, o conhecimento amplo e methodico das formulas, pelas quaes a sociabilidade se traduz, são aqui tão indispensaveis como na scena do mundo, agitada e brilhante.

A diplomacia feminina, que fez celebres tantas mulheres mais ambiciosas do que ternas, tem aqui vasto ensejo para expandir-se;

o gosto das cousas bellas, harmoniosas, delicadas, a alta cultura mental, a viva comprehensão do que ha de brilhante na vida moderna, nunca poude applicar-se com mais acerto e com mais significativa superioridade; até a *coquetterie*, esse pecado de que a mulher se penitencia sorrindo, e se arrepende, permitindo a si propria a esperança de reincidir—até a *coquetterie* pôde exercer-se com uma graça espi-rituosa sobre o marido, pouco a pouco vencido pelas alegrias do seu *interior* confortavel, pacífico e feliz, sobre os filhos que tem infinito prazer em admirar sua mãe, sobre os amigos velhos e experimentados que se deixam subjugar e tyrannisar pela encantadora mulher que fizer do lar domestico o centro das suas alegrias e dos seus melhores sonhos. . .

\*

E' antes de tudo indispensavel que esta dona de casa perfeita, cujo esboço rapido nos entretemos em desenhar, tenha o respeito das cifras, da economia, e da bôa administração

interior. Uma escripturação em ordem será um dos primeiros elementos de que ella disponha, para poder sempre calcular exactamente o total da sua receita, e as diversas parcellas em que esta necessita de ser applicada.

Sem ordem no dispendir, e sem o conhecimento cabal dos recursos com que uma senhora tem de contar para o seu orçamento interno, nunca ella poderá attingir aquelle perfeito equilibrio entre o que se recebe e o que se dispende, que é o supremo ideal das familias... e das nações.

\*

Os creados não devem ser nunca mais numerosos do que o serviço requer. Nas casas bem organisadas, em que a direcção do trabalho e o seu methodo racional estão estabelecidos, o serviço faz-se com muito menos pessoal e com muita mais ordem e rapidez.

Portanto a boa dona de casa tem de attender muito particularmente a este importante

objecto: a regularidade do trabalho, o mais razoavel systema para o executar com promptidão, e a maneira de evitar a agglomeração sempre funesta de creados ociosos.

Nas casas francezas este capitulo de administração domestica tem attingido a mais alta perfeição mechanica. E' pena que não possamos accrescentar e — moral — tambem. Infelizmente não podemos. A domesticidade tem alli vicios terriveis. Nós, em compensação, cahimos no erro hereditario do excessivo parasitismo.

Quem lê, por exemplo, as Viagens de Beckford em Portugal, conhece o interior das grandes casas fidalgas do seculo xviii. Centenas de dependentes e de parasitas viviam na somnolenta preguiça e na mendicidade mal disfarçada, á sombra do poderoso fidalgo, protector, patrono e cumplice.

Muito nos temos ultimamente transformado; os creados já hoje, a não ser em rarissimas casas, deixaram de figurar com o complemento e a prolongação humilde da familia, e isto é muitas vezes um mal, mas continuamos a ter creados de mais, embora nem sem-

pre elles sejam tratados com a caridade e abundancia que tal estado de casas exigiria absolutamente.

\*

E' ocioso recommendar que a maneira de tratar os inferiores deve ser ao mesmo tempo affavel e digna. Nem a familiaridade que lhes permitta o desrespeito; nem a seccura e a altivez que lhes auctorisce o odio hypocritamente coberto sob as formulas da veneração official. Muita caridade nas doenças, muita intransigencia em tudo que respeite aos deveres fundamentaes da moralidade e ordem; muita paciencia para ensinar, ensinar continuamente, a quem nem recebeu a educação que eleva o espirito e o faz escravo dos seus deveres, nem a noção moralisadora e grande de que toda a obrigação que se executa nobilita, comtanto que seja rigorosamente cumprida.

A impaciencia, o desabrimento com os inferiores são sempre indicios de uma educação réles. A verdadeira *senhora* de instinctos ou de raça, de educação ou de nascimento, co-

nhece-se immediatamente na maneira por que se dirige aos seus creados e aos creados alheios, e por que se faz obedecer e respeitar. Este segredo de ser reconhecida como diferente, como *superior* sem contestação e sem protesto, pelos que estão em baixo na escala social, reside n'uma *nuance* quasi imperceptivel, que se sente, mas que é impossivel ensinar.

A amabilidade artificial e quisilenta de quem quer parecer *muito dada*, segundo a phrase consagrada em certas classes, não engana o *inferior* que se sente humilhado por esse apparatus protector em que o coração e a verdadeira caridade christã não entram nunca. Com aquelle faro penetrantissimo do povo, elle conhece logo a falsidade e a origem baixa de quem assim tenta insinuar-se-lhe no seu ingenuo espirito. E é raro que não repilla com desdem esses falsos protectores ou protectoras.

Que longe que essa meia familiaridade, humilhante para quem a recebe e a dispensa, está da verdadeira maneira affavel e digna,

correcta e nobre que teem de tractar os seus creados e mais inferiores, aquelles que realmente sabem comprehender o respeito mutuo que deve presidir ás relações sociaes, sejam ellas de que ordem forem!

N'este ponto recommendamos ás senhoras que nos fazem a honra de ler este livro, que se inspirem no que de mais genuinamente bello tem a evangelica doutrina de Christo, e igualmente no sentimento da sua propria e immaculada dignidade. Orientadas pelas idéas que souberam colher n'essas duas origens diversas, ellas saberão manter em toda a integridade necessaria a firmeza de donas de casa, e a caridade de mulheres de coração. Tanto basta para que sejam perfeitas.

\*

Tornar a sua casa um centro alegre, festivo, animado sem tumulto, attrahente sem banalidade — eis o que incumbe á mulher que aspire a conservar eternamente o amor de seu marido, e a deixar uma impressão de indelevel

saudade na alma dos filhos que as vicissitudes da vida forem afastando do ninho commum.

Para isso convém que ella conheça da arte e das cousas bellas o bastante para saber imprimir um sello de inconfundivel e caracteristico encanto na sua casa.

O luxo nem sempre consegue dar aos salões e aposentos em que ostenta os seus deslumbramentos multiformes, esse *cachet* de conchego, de espiritualidade e de sympathy, que prende e captiva as pessoas de verdadeiro gosto. Em quantos salões de financeiros a gente não entra, sentindo ao ver-lhes as riquezas e os pezados adornos, que o peor dos captiveiros seria o ter de viver eternamente alli! Em compensação quantas vezes, entrando n'uma casinha modesta e aceiada, confortavel e graciosa, não experimentamos uma sympathy instinctiva pela pessoa a cujo gosto delicado e discreto se deve essa indizivel e indefinivel harmonia que alli reina e se espalha em tudo!

N'outro capitulo nos occupamos exclusivamente da *mobilia e sua disposição*, não fazendo

agora portanto mais do que referirmo-nos de passagem a este importante assumpto.

\*

Ter *bom genio*, facilidade nas relações, brandura de palavras, maleabilidade de caracter, e uma benevola e caridosa disposição para com os defeitos alheios — é tambem indispensavel em quem quizer ser apontada como modelo no genero de que trata este capitulo.

Uma mulher de opiniões muito accentuadas, de genio muito decidido e muito intransigente, arreigada teimosamente ás proprias idéas, incapaz de entrar nos gostos e nas predilecções das pessoas com quem conviver, não admittindo *salvação* fóra do gremio em que se conservar incommunicavel e impenetravel ás impressões alheias, — não poderá ser nunca um centro de sociabilidade agradavel, ou de felicidade domestica. Cumpre que tenhamos as convicções mais firmes sob o aspecto mais condescendente; as ideias mais definidas para

nosso governo, sob a fôrma que dê aos outros maior somma de liberdade nas opiniões e nos gostos.

Uma indulgencia incessante e mutua é o segredo eterno pelo qual a vida social se tem mantido até hoje, ora mais brilhante ora mais esmorecida, mas sempre intensa e sempre viva.

\*

O desprezo pela arte culinaria, do qual se gabam tantas mulheres pouco intelligentes ou demasiadamente desdenhosas de cousas materiaes, deve ser banido do codigo pelo qual se rege a boa dona de casa.

E', pelo contrario, indispensavel que ella, se não souber praticamente, tenha pelo menos as mais completas noções theoricas da arte preciosa de bem jantar. O homem é o animal da creação que mais tyrannicamente obedece ás imposições do seu estomago.

Nunca houve alegria, bom humor, espirito, affectuosidade, emquanto dura uma digestão má!

E a digestão má é devida: á demasiada persistencia que possa haver no mesmo genero de alimentação, quer dizer á falta de variedade nas refeições; á má qualidade dos ingredientes com que uma refeição é manipulada, taes como: manteiga, azeite, gorduras de varias especies, etc., etc.; á escolha anti-hygienica das comidas; á ignorancia de certos requintes que fazem a delicia dos entendedores; ao pouco aceio dos cosinheiros ou cosinheiras — a uma infinidade de cousas que a verdadeira mãe de familia precisa de conhecer e de evitar, por dever moral, por hygiene domestica, por aceio e gosto artistico.

\*

Ella terá pois de conhecer um pouco de chimica, um pouco de hygiene, muito de arte culinaria, e terá além d'isso de vigiar a bôa qualidade de materias de que se compõe o alimento da sua familia, isto sob pena de perpetrar um verdadeiro crime de lesão amor dos seus.

O alvitre mais acertado será o de comprar ella mesma, nas lojas mais conhecidas pela consciencia com que os clientes são servidos, todos aquelles comestiveis que possam ser convenientemente guardados na dispensa domestica, e ministrados todas as manhãs ao cosinheiro ou cosinheira que tem de os applicar ás refeições diarias. As restantes compras quotidianas será bom que ella as veja todas as manhãs, e que aprenda á sua custa a entender da qualidade das carnes, das aves, dos peixes diversos, da fructa, das hortaliças, etc., etc.

O *menu* do jantar e do almoço tambem deve ser ella quem sempre o determine; obedecendo ás indicações da sciencia elementar que toda a mãe de familia tem de conhecer, se aprecia a saude do marido e dos filhos.

D'este modo a hygiene, o paladar, o gosto, as elegancias da meza são egualmente attendidas.

O marido apprenderá, por egoismo, a preferir a todas as mezas de amigos ou de *restaurants* famosos a sua propria meza, servida com a maxima elegancia, a maxima perfeição

e o maximo aceio, sob a vigilante e intelligente direcção d'uma mulher positivamente superior!

\*

Não ficam, já se vê, por aqui os innumerados deveres da dona de casa completa. Enuncia-se porém o methodo pelo qual elles possam todos vir a ser cumpridos, logo que se aconselha á mulher que tem a seu cargo a felicidade, o bem estar, a moralidade de uns poucos de seres, que faça d'esse pensamento a mais querida e persistente occupação do seu espirito.

Sob a inspiração de tão alta consciencia, a mulher adivinhará o que precisa de saber, e procurará instruir-se em todos os ramos que faltem á sua incompleta educação.

Tendo o exclusivo desejo de dar aos seus a felicidade mais perfeita, ella terá o instincto de todas as delicadezas, a comprehensão de todos os deveres, o sonho de todas as cousas bellas e boas.

Será polida, affavel, carinhosa; será vigilante e activa; será garrida e requintada; fará do *ménage* uma arte, da vida de familia uma religião, e do seu lar o mais divino dos sanctuarios.

---





## CAPITULO V

### A apresentação no mundo

As pessoas que, pela sua posição ou nascimento, pertencem á côrte, não apresentam as filhas na sociedade, antes de as terem apresentado á Rainha. Para este fim, a mãe da menina que chegou á idade de apparecer, escreve á camareira-mór, pedindo para solicitar de

Sua Magestade a honra de a receber, n'um dia que a rainha marcará. A camareira mór, depois de ouvida a rainha, marca o dia em que mãe e a filha podem ser recebidas no Paço.

\*

Desde esse dia, que é por assim dizer o da entrada no mundo, a menina pôde acompanhar sua mãe ás *soirées*, bailes e recepções a que esta fôr, tanto na côrte, como em todas as casas das relações dos paes.

\*

Até essa idade a menina só convive com os intimos da familia, e não vae nunca a casas estranhas. A sua educação tem-se então completado, e ella entra, por assim dizer, na segunda *étape* da sua vida. A terceira será o casamento.

\*

Em França, um rapaz não se atreve a cor-

tejar uma rapariga sem ser primeiramente aceite e reconhecido como genro possível, pelos paes. Os nossos usos differem n'esse ponto absolutamente dos usos francezes. Não sabemos se para melhor, se para peor. Aqui os casamentos de inclinação são muito mais frequentes. Ha maior desinteresse na mocidade portugueza do que na franceza. Em quanto que em França uma rapariga sem dote fica fatalmente condemnada ao celibato, e á posição pouco agradavel de *vieille fille*, em Portugal os casamentos pobres multiplicam-se com força espantosa. Póde mesmo dizer-se que uns originam os outros, e que as privações sob o tecto paterno tornam muito menos difficeis as raparigas na escolha de noivo. Pobres casaram os paes; pobres, miseraveis, quasi, tem vivido os filhos. Fugir a essa miseria conhecida, para uma miseria desconhecida, é quasi que o destino das meninas pobres na nossa sociedade ou nobre ou burgueza.

\*

Em qualquer dos casos, ou n'aquelles que

apontamos em França, ou nos que vemos aqui, a infelicidade futura do *ménage* é quasi que irremediavel.

As raças do Norte são fortes, vigorosas, capazes dos maximos esforços, bem apetrechadas para a lucta e para a concorrencia social, por que entendem d'outro modo o casamento e a vida.

\*

Lá fóra, o pedido de casamento, a cerimonia nupcial, o lavrar das escripturas, o modo por que o enxoval e a *corbeille* se compõem, estão sujeitos a um formulario completo. Entre nós, tudo isso depende de tantas circumstancias de fortuna, de posição, de situação reciproca da familia dos nubentes, etc., que é impossivel dar regras para eventualidades tão variadas.

---



## CAPITULO VI

### Convites para jantares

Quando se tenciona dar um jantar, fazem-se os convites pelo menos oito dias antes, para que os convidados tenham tempo de recusar ou acceitar.

Os convites para o jantar são feitos ou em cartão, ou em carta particular conforme o grau de cerimonia do jantar.

O contra-tempo mais desagradavel que póde succeder a uma dona de casa, é ter ordenado e determinado um jantar para um numero certo de convivas, e vêr que estes lhe faltam á

ultima hora, quando já não é tempo de preencher as vagas, sem offender as pessoas que se convidam, ou de compôr a harmonia que ficou quebrada pela falta inesperada de um ou mais convidados.

\*

Um jantar tem regras definitivas que podem sêr formuladas n'um livro d'este genero, e tem outras regras, absolutamente insubordinaveis a qualquer regulamento preciso e a qualquer formula universal. Depende o cumprimento d'essas do bom gosto, do tacto pessoal, da intelligencia e da sagacidade da dona da casa.

Como hão de prescrever-se cousas que variam segundo a posição social, segundo o genero de relações, segundo o *mundo* em que se vive?

Em todo o caso, um *ménage* de bom senso, e que tenha aquelle conhecimento dos homens e das cousas, indispensavel a quem *vive na sociedade*, evitará sempre reunir á sua

meza pessoas cujas ideias sejam incompatíveis; cuja educação seja diversa, cuja hierarchia social apresente diferenças muito sensíveis.

Do esquecimento d'essa pratica salutar, sómente podem provir tanto para a dona da casa como para os convidados, attritos desagradáveis, embates de amor-proprio, melindres feridos, etc.

\*

É muito necessario attender, quando se dá um jantar, ás condições de espaço, e de commodidade.

A' meza cada conviva deve ter para mover-se sem constrangimento um espaço que pelo menos corresponda a 60 centímetros.

\*

Os convivas devem chegar exactamente á hora prescripta. Nunca antes, o que seria incommodo para a dona da casa, nunca depois, o que, além de ser perfeitamente incivil, tem

o grave perigo de estragar o jantar, e de excitar em alto gráu o mau humor do *chef*, que da exactidão dos convivas faz depender o exito dos seus molhos e iguarias. Se um dos convivas se permite faltar á hora marcada no convite, a dona da casa não póde fôrçar os outros a esperarem por elle, a menos de commetter um erro de lesa-polidez. Seria subordinar ao capricho e á má educação d'um, a exactidão e a polidez de todos os outros.

\*

Reunidos os convidados na sala onde eram esperados pelo dono e dona da casa, um creado abre a porta que conduz á sala de jantar, o que é bastante para annunciar á dona da casa que está servido o jantar.

Os francezes, de quem copiamos servilmente todos os costumes, fazem annunciar por este modo: *Madame*, ou *madame la Comtesse est servie*.

Os portuguezes por ora só annunciam por

este modo se teem *maitre d'hotel*. Se não teem contentam-se com a scena muda acima dita.

\*

Quando o jantar é annuciado, a dona da casa dá o braço ao personagem mais eminente que está na sala, ou áquelle em cuja honra foi dado o jantar. O dono da casa offerece egualmente o braço á senhora mais altamente qualificada, ou mais edosa, tendo previamente indicado a cada conviva o nome da senhora a quem elle dará o braço.

\*

O dono da casa, sendo aquelle que conduz a senhora a quem foi dada sobre todas as outras a precedencia, é tambem o que passa na frente de todos para a casa de jantar.

Os outros seguem na ordem que pareça mais racional, sendo a dona da casa a ultima, pois que em frente de todas as senhoras que são suas hospedas, ella deve considerar-se em ultimo logar.

A' meza o dono da casa occupa o centro da meza, e tem sua mulher em frente d'elle.

Os logares á direita dos donos da casa são os mais distinctos; á esquerda são os segundos.

O terceiro logar á meza é aquelle que fica á direita do conviva que a dona da casa senta á sua direita. Em França, depois dos logares acima indicados, os melhores são os logares oppostos á porta pela qual se faz o serviço.

Os logarès dos extremos da meza são considerados os inferiores.

\*

Quando a senhora que recebe é sósinha e viuva, faz collocar na sua frente, para supprir o logar do dono da casa, o homem mais respeitavel d'entre os que assistem ao jantar; se tem um tio, um parente edoso, escolhe esse; na falta, porém, de um parente, é um velho amigo que deve ser preferido, para receber essa delicada attenção.

Acceitar um convite para jantar é tomar tacitamente o compromisso de pagar essa amabilidade com amabilidade igual, isto se entende no caso de se ter casa posta. Este caso não se applica a homens que vivam sós, e não é rigorosamente obrigatorio quando se trate tambem de uma senhora que viva inteiramente só.

\*

Quando se recebe um convite para jantar, e se acceita — o que se dá a saber por carta escripta em seguida á recepção do convite, — faz-se uma visita á pessoa de quem se receber essa fineza durante a semana que segue immediatamente ao dia do jantar.

No caso de recusa, a visita é tambem obrigatoria, mas póde fazer-se d'alli a mais de oito dias. Não fazer essa visita equivale a uma quebra de relações.

\*

A distribuição dos logares é uma das gra-

ves difficuldades que as donas de casa teem que vencer, e uma d'aquellas que só se aprende a resolver satisfatoriamente com largo tirocinio da vida social.

Nos jantares officiaes, diplomaticos, da cõrte, etc., esta distribuição é muito mais facil pois que é feita em rigorosa harmonia com a hierarchia *official* dos convivas, a qual por sua vez está formulada em codigos especiaes.

Estabelecida definitivamente e em virtude de prescripções superiores a graduação das pessoas presentes, não póde haver motivos de queixa contra quem organise e dirija essas cerimoniaes, nem póde haver melindres feridos pelas donas de casa, a não ser — o que é frequente — que ellas confundam ou ignorem as qualificações sociaes das pessoas que recebem.

Nas sociedades aristocraticas e severamente ordenadas, como foi por exemplo a sociedade franceza no tempo de Luiz XIV, tinham estas questões de precedencia uma importancia tão capital, que só ellas enchem paginas e paginas, póde mesmo dizer-se — volumes — das memorias de Saint-Simon!

Que immensas brigas, que inimizades mortaes, que complicações diplomaticas! . . .

Na nossa sociedade democratica no fundo, e aristocratica ainda nas formas, estão de tal modo confundidas e baralhadas as condições sociaes, que se torna tambem bastante difficil — por motivos inteiramente contrarios — a definitiva regularisação d'estes attritos. Em todo o caso parece-nos que a regra mais rasoavel é a seguinte:

Nos jantares de etiqueta, officiaes, ou diplomaticos, é á *posição social* que deve principalmente attender-se para marcar devida graduação entre os convivas.

Nos jantares que não tenham este character, attender-se-ha ao grau de cerimonia com que se tratam as pessoas convidadas.

Como, a não ser na cõrte e no mundo official, é sempre desagradavel indicar a uma senhora que ella é considerada inferior a outra, attenda-se principalmente á idade, que é uma superioridade incontestada e nada invejavel.

Uma dona de casa que tenha tacto não

convidará *pela primeira vez* para o mesmo jantar intimo mais que duas senhoras, a quem dará *por esse motivo* os dois logares principaes. Repito que estas formulas que teem variantes infinitas e que se prestam a incontestaveis combinações, só se applicam aos jantares que não tenham o minimo character official. N'esses o ceremonial é restricto: não pode ser alterado nem pelo capricho, nem pelo respeito pessoal que os donos da casa consagrem a qualquer conviva. Cada um tem n'essas solemnidades, sujeitas a uma pragmatica certa e definida, o *logar que pertence não á sua pessoa mas ao seu cargo*, ou á posição de seu marido.

\*

Quando o jantar tem acabado, é a dona da casa que dá o signal, levantando-se. Dá o braço ao seu visinho da direita, e, ao contrario do que se fez á vinda para a casa do jantar, é ella quem deve preceder, no regresso á sala, todos os outros convivas que a seguem. O dono da casa é quem fecha o cortejo. Aqui em

Portugal nem sempre se cumpre esta fórmula que em França é restrictamente observada.

Quando no fim de um d'estes jantares — hoje muito mais frequentes na nossa sociedade em que as fortunas se teem multiplicado, e o gosto pelos gosos sociaes se tem desenvolvido rapidamente — não ficou no espirito de um unico convidado qualquer espinho de vaidade offendida, qualquer susceptibilidade melindrada, a dona da casa deu prova de um tacto fino e superior.

Convém, pois, que ella tenha principalmente em mira tornar-se agradavel a todos, attenuar qualquer aspereza, harmonisar com penetração e sagacidade, antes de fazer os seus convites, as edades, as posições sociaes, as sympathias mutuas, etc., etc.

O nosso tempo é ao mesmo tempo ostentoso e avaro.

Gostamos todos muito de brilhar — mas a preço reduzido!

Ou não viver na sociedade, e não fazer convites, e não dar jantares nem reuniões que pre-supõem sempre uma fortuna larga, — ou não

subordinar nunca essas festas a uma regra de economia, que as amesquinha e que não raro as desmancha. Convidar *por atacado* todas as pessoas a quem se pretende ser agradável ou a quem se deve qualquer favor, — isto para um jantar — é expor-se sempre ao mais triste dos *fiascos*.

Na escolha e combinação dos convivas de um jantar é que mais facilmente se póde conhecer a intelligencia e o *saber viver* de uma senhora, que pela posição de seu marido é obrigada a estas representações.

---



## CAPITULO VII

### A' meza do jantar

Se todas as pessoas que presentemente acham de incontestavel utilidade pratica o viverem no pé em que antigamente só vivia quem, *nascendo na sociedade*, sabia de nascença por assim dizer os seus usos, costumes, pragmaticas e habitos, tivessem *maitre d'hotel* de primeira ordem e criados amestrados na escola da velha aristocracia de côrte, era inteiramente dispensavel o presente capitulo.

Mas em |Portugal succede que a tradição se

quebrou desde muito entre a nobreza opulenta e a moderna aristocracia.

Foi pobre e vivia pobremente a nossa nobreza durante um grande periodo do antigo regimen. Quando, na volta da emigração, e estabelecida a sociedade sobre bases novas, nós começámos a imitar o luxo lá de fóra, foram apenas tres ou quatro casas, e entre essas a d'um millionario *parvenu*, embora gentilissimo de gosto e de maneiras, quem iniciou esse regimen novo.

Austera e simples, a côrte de D. Maria II pouco animou a transplantação para o nosso empobrecido solo de estrangeiras e luxuosas culturas. A' remodelação de costumes, a profunda revolução economica que assignalou entre nós estes ultimos vinte annos, se deve o resurgir de habitos, costumes, ambições, elegancias que por muito tempo só existiram, ou como notabilissima excepção, ou como saudosa e remota reminiscencia.

A sociedade actual — mixto de alta burocracia e de capitalismo aristocratisado — banque-teia generosamente a velha nobreza empobre-

cida e desarmada, que já não dá festas, mas que consente em dar tom ás festas alheias.

E o codigo francez é por assim dizer servilmente seguido em tudo por quem se julga elegante.

Copiemos portanto d'esse codigo as prescripções que elle apresenta, quanto ao serviço de meza.

\*

Nos jantares de um certo luxo ha junto de cada talher — composto de um prato, garfo, faca, colher e guardanapo passado a gomme, dobrado simplesmente de modo a mostrar o monogramma coroadado ou sem corôa, do dono da casa, bordado na mais esthetica perfeição, e occultando nas dobras um pequenino pão de crusta dura e loira — tres copos para vinho e um para agua.

Quando são servidos mais vinhos, os criados acompanham cada vinho que servem com o respectivo copo.

\*

A ordem por que se servem os vinhos é a seguinte:

Com a sopa :

Xerez, Madeira, Carcavellos secco, Marsalla secco. Bastam *dois* em jantares de 24 pessoas, sendo geralmente Madeira e Xerez os preferidos.

Basta um em jantares de 12 pessoas, ou Madeira ou Xerez. — Preferível é o Madeira.

Com os *hors d'œuvre* :

Chablis, Haut Sauterne, Chateau Yquem.

Com o peixe :

Vinhos brancos.

Com os *relevés* :

Vinhos de Bordeus, sempre dois. — *Chateau Margaux, Chateau Laffite St. Julien, St. Estefe, Médoc*, etc., á escolha.

Com a *entrée* fria ou *foie gras* :

Rheno. Basta um. Não é mesmo costume servirem-se dois.

Com o assado :

Borgonha (sempre dois) — Pomard,  
Chambertin, Baune, Menton, Rotschild,  
etc. *Chambertin* é dos mais finos.

Com os *entremets* :

Champagne.

Com o *dessert* :

Porto, Malvasia, Malaga, Moscatel.  
(Bastam dois ou mesmo um, sendo este  
o Porto).

Ha mezas em que o Champagne é servido desde o principio até ao fim do jantar. Vem principalmente esta moda de Inglaterra, que tem o *fetichismo* do Champagne. As mulheres preferem este a todo e qualquer vinho. Serve-se *frappé* ou não, conforme os gostos.

\*

Os primeiros talheres de sobremeza que se collocam em frente de cada conviva, são sempre acompanhados por um guardanapo de *chá*.

No genero roupa de meza, o luxo de hoje é maravilhoso. A belleza dos espessos e lustro-

sos linhos adamascados da Russia e da Inglaterra, com labores lindissimos, o luxo das letras e brazões bordados, a riqueza dos tecidos empregados, só teem como limite a fortuna de quem os escolhe.

Para *chá das cinco horas, lunchs, chá, etc.*, etc., admite-se n'estas roupas a phantasia e o capricho, taes como bordados a côres, cercaduras a ponto russo, etc.

Para jantares, a roupa deve ser de linho riquissimo, com as iniciaes do dono da casa e o seu braço ou corôa a bordado em relevo branco. Em tudo a sobriedade é signal de bom gosto, e a simplicidade que não exclue a riqueza, mas que, por assim dizer, a *espiritualiza*, é prova de nobreza de costumes herdados ou instinctivos.

Não nos cançamos, pois, de a recommendar aos nossos leitores.

\*

O talher da sobremesa ou *dessert* compõe-se, como é sabido, de duas facas, ditas de so-

bremesa, uma das quaes deve ser a lamina de prata por causa do acido das fructas, de uma colher, e um garfo de tamanho mediano, e ás vezes de um pão pequenino para o queijo.

\*

A ordem em que deve servir-se a sobremesa é esta: doce de cosinha, neve, queijos, fructas, bolos, fructas crystallizadas, bonbons, — Café, licores.

\*

O serviço chamado á *russa* consiste em pôr na meza os fructos, as flôres, as gelêas, os *plats montés*, enfeitando, consoante o bom gosto e a riqueza de que se disponha, a meza em torno da qual os criados fazem depois circular os pratos do jantar.

Nota-se hoje uma tendencia para carregar menos as mezas. Nas grandes casas, onde o luxo das pratas correspondia a todos os outros, uma meza posta d'este modo, com os seus *surtouts* ou centros artisticamente cinzelados,

com as estatuetas, os vasos, os primores de luxo em que este genero póde triumphar, fazia sempre um effeito deslumbrador. Mas só rarissimas casas de banqueiros millionarios ou de fidalgos, que á longa tradição juntavam thesouros adquiridos e augmentados por gerações successivas, poderiam permittir-se esta opulencia artistica, esta ostentação principesca.

Hoje, as flôres são o grande e excessivo luxo das mezas, que não podem apresentar juntamente com ellas, a magnificencia que acima indicámos. Flôres em grandes *corbeilles* ou flôres que pareçam nascer da mesa, em hastes curtas, mas occupando grande extensão. Já não se usa uma profusão *provinciana* de pratos, nem aquelles gigantescos e phantasiosos edificios de doces ou de *nougat*, levantados pela imaginação, nem sempre feliz, dos copeiros nacionaes. Hoje uma dona de casa daria do seu gosto o mais deploravel indicio, adoptando á sua meza qualquer d'estes extravagantes productos da confeitaria patria.

No modo de dispôr das flôres, tem o gosto individual ampla liberdade de revelar-se. Cum-

pre attender a dois pontos muito importantes. Que ellas não sejam da familia das flôres que exhalam um cheiro capitoso e entontecedor, taes como junquillos, *tuberosas*, baunilha, lyrios, gardenias, etc., etc. Que sejam muito frescas e de uma belleza absolutamente *incriticavel*. As violetas de Nice, as deliciosas e diaphanas avencas, as folhas de *Collius* de uma riqueza de tintas deslumbradora, os crysanthemos, de uma japonerie *chic*, e, sobretudo, a variedade infinita de rosas, que são as mais bellas e as mais sympathicas de quantas flôres existem na criação, devem cooperar no adorno de uma meza elegante. As camelias tornaram-se tão vulgares, que dão um tom banal á ornamentação limitada de um jantar. Essas devem ser aproveitadas para decorar uma sala de baile, um theatro, etc., etc.

Entre as *corbeilles* de flôres collocam-se algumas fructeiras artisticamente preparadas, as pratas com fructas crystallisadas, bonbons, etc., etc.

A *confiserie* franceza, muito mais apurada e delicada do que a nossa, contribue largamente com os seus finos productos para os pratos de sobremesa dos jantares elegantes.

\*

A moda antiga de collocar na meza todos os pratos sobre *rechauds* de metal ou de prata, ou cada serviço por sua ordem, foi completamente abolida, e por ora não promette renascer. Era um d'estes usos que exigia immensa pompa, ou que decahia na menos attrahente vulgaridade.

Portanto, o serviço *á russa* é o que reina indisputado até nos jantares familiares.

E nos jantares de convite cada conviva tem sobre o prato, junto ao cartão em que estiver o seu nome para lhe indicar o logar que occupará á meza, a minuta ou *menu* do jantar, impresso e enquadrado por um desenho ou uma aguarella.

Usa-se tambem o *menu* impresso n'um quadrilongo de pergaminho, do qual pendem uma

ou duas fitas seguras pelo braço a lacre, e tendo as côres da casa fidalga que dá o jantar.

Isto é o mais aristocratico e o mais correcto, mas só o deve fazer quem pôde. Um nobre da vespera seria ridiculo fazendo-o.

Quando o jantar é apenas de familia e não de convite, embora servido com elegancia, o *menu* escripto á mão está ao lado de cada um dos donos da casa e pôde ser consultado pelos outros convivas intimos.

D'antes eram moda placas de loiça especial onde se podia escrever a lapis o *menu*, de fei-tio e ornatos mais ou menos elegantes.

Hoje essa phantasia sahiu da moda. Pôde porém voltar, porque n'estes pequenos ritos de elegancia está-se mudando sempre.

\*

Os jantares do genero d'aquelles a que particularmente nos temos referido, quer dizer, inteiramente isentos de character official, que não são offerecidos em virtude de uma obrigação do cargo que se occupa — não deve ser nun-

ca mais de oito, ou, quando muito, doze convivas.

Quanto ás regras que devem presidir á quantidade e qualidade das iguarias, deixamos essa importante materia ao bom gosto e ao bom senso de cada pessoa. Apenas faremos notar o seguinte :

Mais vale uma pequena quantidade de pratos bem feitos, do que uma longa lista de manjares que apenas se distinguem pela pomposa apparencia e pelos nomes francezes que laboriosamente engendrou a phantasia dos cosinheiros. A' escolha dos vinhos deve presidir o mesmo criterio sensato. Poucos embora, mas bons, puros, de lavras authenticas.

O gosto conhece-se e avalia-se n'estas *nuanças* e n'estes toques.

Muitas vezes uma pessoa de fortuna média é obrigada por qualquer das mil complicações que offerece hoje a vida moderna, de tão complexas engrenagens, a certa ostentação de habitos, a dar por exemplo alguns jantares.

E' n'esta posição especial em que tem de mostrar-se o gosto e a finura de trato, não dis-

pondo ao mesmo tempo dos grandes meios que facilitam a vida, que é necessario desenvolver mais habilidade e mais talento pratico.

Um jantar assim precisa de distinguir-se pela simplicidade e pelo apuro.

Alguns pratos cuidadosamente escolhidos — ao mesmo tempo finos e succulentos — cozinhados a primor; — dois ou tres vinhos excellentes; um serviço bem feito sem ostentação e sem mesquinhez. A dona da casa tem de ser engenhosa e providente, de vigiar para que tudo esteja em harmonia, e para que a mais graciosa elegancia e a mais impecavel correção acompanhem esse jantar e presidam a elle.

A abundancia excessiva, a mesa carregada com exaggero, a quantidade supprindo a qualidade, a má escolha das flôres e das fructas e dos vinhos, o pouco cuidado na roupa da mesa — são peccados imperdoaveis.

\*

Antes de collocar a toalha de linho adamacado, espessa, de irreprehensivel alvura, e bem

passada a ferro ou bem imprensada, cobre-se a madeira da mesa com outra especie de toalha que tenha justamente as dimensões d'ella, feita de *molleton* ou panno abaetilhado, para attenuar a bulha feita pelos criados, nem sempre convenientemente educados, ao servirem e ao collocarem na meza os diversos objectos de que consta o serviço.

Quando o jantar é pequeno, de doze talheres, por exemplo, e o serviço não é feito em duplicado, os criados servem primeiramente a senhora collocada á direita do dono da casa, depois a senhora collocada á esquerda. Voltam para a direita e servem em torno da meza sem distincção de sexos, e, quando teem fechado o circulo, servem o dono da casa, que é sempre o ultimo.

Em jantares maiores faz-se o serviço em duplicado, quer dizer, um criado de um lado da meza, o outro do outro lado, mas caminhando em sentido inverso. São os primeiros a serem servidos n'esse caso não sómente as duas visinhas mais proximas do dono da casa, mas pela ordem em que vão nomeados o visinho

da direita da dona da casa, esta, o seu visinho da esquerda e o resto dos convivas que se vão successivamente seguindo a este ultimo.

\*

O lugar de dois dos criados, quando não estão em activo serviço, é atraz do dono e dona da casa, promptos a executarem qualquer ordem, que deve ser dada em todo o caso da fórma menos ostensiva. Nas grandes mezas calcula-se que a cada dois convivas pertence um criado. Este luxo, porém é requintado de mais para os nossos usos. Só uma ou duas casas o terão em Lisboa.

\*

Está completamente abolido o pouco agradável costume dos *lavabos*, em que cada um fazia a limpeza da propria bocca á mesa.

E' elegante, mas não está ainda vulgarizado o uso seguinte: um criado traz um gomil e uma bacia de prata, e circula com estes dois

objectos em roda da mesa. Cada conviva recebe na ponta dos dedos uma pouca de agua com que os purifica.

Sendo servidos camarões na casca ou *écrevisses*, collocam-se então os *lavabos* na frente de cada conviva para que estes possam humedecer os dedos com que tocaram nos mariscos. Isto, porém, é na intimidade mais estreita que se usa.

\*

A boa e antiga usança provinciana que consistia em teimar com os hospedes para obrigal-os a comer muito, a comer de tudo, está absolutamente condemnada. Os nossos habitos, muito mais correctos e muito menos affaveis, não permitem essa bonhomia despretençiosa. Seria alcunhado de importuno pelo nosso egoismo *fastiento*, quem assim procedesse á moda antiga.

\*

Quanto á *toilette* de jantar é para os homens de casaca, gravata branca, etc.

A mais rigorosa correcção.

As senhoras que em Inglaterra, mesmo na classe commercial e em sua propria casa, em familia, jantam decotadas, e que em França imitam já hoje esse costume inglez, em Portugal jantam com vestido aberto, com ou sem cauda, conforme o gráu de cerimonia do jantar.

As *toilettes* de jantar diplomatico ou official são sempre do maximo esplendor. Decotes largos, joias, cauda, etc., etc.

Em pequenos jantares vestido muito elegante, fechado, ou aberto, mas em todo o caso apurado em extremo. As joias em profusão n'um jantar intimo são de mau gosto.

\*

Estas minuciosas leis a que está subordinada a vida mundana, é fóra de duvida que lhe tiram a espontaneidade, a facilidade, a alegria. Deve, porém, notar-se que os que teem nascido em certa esphera, e teem vivido desde a infancia sob o dominio d'estes habitos, nem lhe per-

cebem a artificialidade, nem lhe sentem a tyrannia. Procedem de certa e determinada maneira assim como respiram!

E' para os que, nascidos n'uma classe inferior e sob imperio de outra ordem de costumes, se elevam ou pelo trabalho proprio, ou pela riqueza herdada de paes plebeus, ou pelos lances de uma fortuna imprevista, que estas leis muito miudas, muito irritantes, muito implacaveis na sua pequenez, são verdadeira tortura. Quantos *fiascos* antes de as assimilarem; quantos erros de lesa-polidez e de lesa-pragmatica antes de lhes conhecerem as regras! Sempre estranhos, sempre desconfiados, soffrem muito sem nunca lograrem satisfazer os outros nem satisfazerem-se a si.

No meio dos seus correctos jantares, servidos por lacaios de libré, e *maitre de hotel* enca-sacado e impertinentemente impassivel, quantas saudades não terão elles dos bons jantares de casa dos paes, sem tanta *toilette*, sem tantas iguarias phantasticas, sem tantas flôres, mas em que os bons pratos portuguezes servidos *à la bonne franquette* eram mais saborosos,

os vinhos tambem portuguezes eram incontes-  
tavelmente melhores!

Em todo o caso, para quem vê a cousa sem preocupação de especie alguma, o *ideal* seria um jantar em que o serviço fosse primoroso, e a substancia uma delicia; em que os vinhos fossem excellentes, e a alegria, a cordialidade, patriarchaes.

O mau é que por emquanto nós sacrificamos a realidade ás apparencias e as boas cousas ás cousas apenas ostentosas.

\*

Julgamos ter dado a respeito do serviço de meza e do artigo — jantar — as noções mais necessarias. Muitas outras ha que não podem prescrever-se. Dependem ellas do tacto pessoal, do gosto, da posição, das circumstancias especiaes em que se encontram os individuos. Não ha codigo que sob a letra não tenha o espirito, e que não deva ser, além de lido, interpretado e commentado com intelligencia clara e perspicaz. Além d'isso, as variações impos-



tas pela *moda* são incontáveis. Hoje é elegante uma cousa, que amanhã está cahida em inteiro desuso. Quem vive porém no *mundo*, junta ao seu fundo de aquisições fundamentaes, a constante *observação*, que é de todos os auxiliares, nos traiçoeiros mares da *alta-vida*, aquelle que mais serviço nos presta continuamente.

## SEGUNDA PARTE

---

USOS, COSTUMES, CONVENÇÕES





## CAPITULO VIII

### Grandes recepções, Concertos, Representações, Bailes

Um grande concerto, um baile, com orchestra ou sem ella, entra forçosamente na categoria das recepções de cerimonia. É, portanto, indispensavel convidar por meio de cartão. Um simples convite, de viva voz em casa de amigos communs ou n'um casual encontro de passeio, não bastam para que a pessoa se julgue auctorizada a ir ao baile ou ao concerto.

Ha excepções, é claro. Se a festa tiver lugar em casa de um parente muito proximo da pessoa assim convidada, esta deve dispensar maiores cerimoniaes e acceitar o convite como formalmente feito.

\*

Quando se trata d'um concerto, a mira principal que devem ter os donos de casa é agradecer aos seus convidados sem lhes impôr um constrangimento excessivo.

Os amadores sinceros, os verdadeiros *dilettanti* formam uma minoria bastante restricta. Ha-os que fingem adorar a musica por *pose*, por instincto de imitação, por pedantismo, por julgarem que uma paixão artistica lhes fica bem; mas os que têm o verdadeiro culto, a verdadeira devoção pelos mestres, esses são raros, e soffrem quasi sempre as maximas torturas n'um *concerto* mundano.

Portanto quando uma pessoa se propõe a difficil empreza de dar um concerto nas suas salas, a menos que não viva n'um circulo in-

teiramente dado aos prazeres da arte musical, é fóra de duvida que se expõe a contratempos bastante desagradaveis.

\*

Se o dono da casa tiver a caridosa precaução de não abusar dos trechos classicos, das longas symphonias só feitas para quem as entenda, é justo que os convidados por seu turno tenham toda a contemplação com elle e com os artistas executantes.

Falar na sala de concerto, dar mostra de desattenção, permittir-se qualquer turbulencia de attitudes e gestos é faltar ás regras mais elementares do decoro pessoal.

\*

N'uma festa d'estas, o papel da dona da casa é verdadeiramente custoso de cumprir. E' necessario fazer manter o silencio mais absoluto sem empregar para com os convidados desattentos, nenhum processo que possa

tambem classificar-se de pouco cortez. Os artistas são excessivamente melindrosos. Só por complacencia rara, ou por preço muito exorbitante, elles condescendem em exhibir-se deante d'um publico pouco apto para julgal-os.

A indifferença fere-os; a pouca attenção dada ao seu trabalho humilha-os intoleravelmente.

Quasi sempre uma prescripção de polidez tem uma base fundamental de bondade. As pessoas impeccavelmente educadas, são quasi sempre boas. Soffrem se fazem soffrer. E a vaidade humana é de todas as cousas a que vibra mais dolorosamente a um contacto aspero.

\*

Os artistas convidados para cantar ou tocar em nossa casa, são, emquanto n'ella se demorarem, nossos hospedes, nossos convidados como todos os outros. Tractal-os com a maxima deferencia é dever imprescriptivel de quem os convida. O valioso presente com que se corresponde quasi sempre á sua comparen-

cia, não obsta de modo algum a que os donos da casa os recebam com a mesma affabilidade e a mesma delicadeza com que recebem os que vão simplesmente para ouvir.

A maneira por que os artistas são recebidos melhora de dia para dia. Reis na esphera especial em que se conservam, é sempre uma grande distincção que elles fazem, quando apparecem n'uma sala e constituem a grande attracção d'uma festa. A maxima fidalguia de porte é sempre acompanhada pela maxima delicadeza na maneira de acolher estes fidalgos da arte, que teem cada vez mais direitos á consideração da sociedade, que cada vez se mostram mais educados e mais respeitadores das conveniencias sociaes.

Todos sabem de que modo a Sontag, a Rachel, etc., eram acolhidos pelos grandes senhores do seu tempo; como a Patti, o Coquelin, a Sarah, etc., etc., são considerados e queridos em Pariz, em Londres, nas grandes capitães onde ostentam a sua realeza intellectual e artistica.

\*

As representações de sala estão sendo muito moda como foram no seculo xviii em França, como foram entre nós no tempo de Gil Vicente, que até na camara d'uma rainha representava os seus *autos*.

E' necessario n'essas representações attender muito á *mise-en-scène*. E' melhor evitar esse genero tão divertido de distracção mundana, quando se não tenham meios sufficientes para montar um pequeno theatro com os seus accessorios.

A elegancia, a fidelidade do scenario, a minuciosa observação de tudo, que póde dar ao espectador a illusão de que está n'um theatro são absolutamente indispensaveis, sob pena de tremendo *fiasco*.

Assim como n'uma pequena reunião intima é permittido pôr de parte tudo que seja pompa, ostentação, rigorosa etiqueta, assim tambem n'uma festa a que concorrem mais invejosos e mais inimigos de que amigos, é preciso não dar á critica malevola o menor pretexto de triumphar.

\*

Uma festa d'estas é, portanto dispendiosissima. Só a póde e deve dar quem fôr bastante rico para que lhe não cause transtorno esta prodigalidade ostentosa. E n'esse caso tem restricta obrigação de a dar com toda a pompa, toda a magnificencia, toda a elegancia exigidas pelas peças que se representam e pela sociedade que as executa.

\*

Dar um grande baile é tambem negocio muito serio. . . para quem o dá.

A illuminação a *giorno* é de rigor. Muita luz, mas luz de vela, ou luz electrica, de modo a produzir claridade deslumbradora sem fazer soffrer calor asphyxiante. O gaz deve ser inteiramente proscripto das salas de baile. A sua luz crua é quasi intoleravel para a maior parte dos olhos. O calor excessivo que produz é origem de graves doenças, taes como pneumonia, pleurisia, etc.

\*

Hoje o gaz só tem logar legitimo nos vestibulos, nas cosinhas, nas lojas, nas dependencias d'uma grande casa, como cocheiras, cavallariças, etc.

\*

A sala de baile não deve ter outros moveis além de bancos ou *fauteuils* estofados que se fazem para esse uso, e nos quaes se sentam as *mamãs* na occupação melancolica de vigiarem a prole, e os grandes espelhos que, forrando de alto a baixo as paredes, reflectem os pares que dansam. Lustres suspensos do tecto e placas artisticas de bronze doirado, derramam sobre a alegria das valsas, e sobre o matiz das *toilettes*, a sua luz deslumbrante.

\*

A ceia é um dos mais importantes capitulos do baile. Se as raparigas só gostam de dansar, se muitas senhoras que já não são moças ainda acham nas doçuras do *flirt* uma excitação ca-

pitosa, os homens, esses é que não supportariam a longa sécca de um baile, se o bufete lhes não sorrisse ao fundo, com todas as suas promessas tentadoras e capciosas tanta vez!

Seja dito em abono dos nossos costumes, tanta vez escarnecidos, que entre nós se não dão senão rarissimamente as scenas que a vida de Pariz aponta continuamente.

O buffete dos bailes a que temos assistido não é brutalmente assaltado pelos vandalos da guloseima, senão quando todas as senhoras teem debicado muito á vontade nas diversas iguarias que alli se expõem á delicia cubiçosa dos *gourmets*.

\*

Quem dá um grande baile tem de attender primeiro á delicadeza e abundancia dos refrescos que, independentemente do chá e da ceia, circulam pelas salas com pequenos intervallos, e que se compõem de *punch à la romaine*, de gelados, de *sirops*, e limonadas de varias especies, etc., etc.

Cerca das 11 horas abre-se a sala de jantar,

e os convidados podem tomar chá, chocolate, neve, bolos de varias especies, tudo emfim que a hospitalidade mais phantasiosa subordina ao modesto nome de *chá*.

A's duas ou tres horas da madrugada, antes ou depois do *cotillon*, com que hoje os bailes terminam quasi sempre, abre-se de novo a porta da sala do buffete e alli se encontra então a *ceia* pela qual teem suspirado desde as onze os gulosos profissionaes que enchem as diversas salas do baile.

Não daremos regras quanto ás substancias da *ceia*.

A sua abundancia, delicadeza e variedade, a elegante decoraçãõ da sala, a escolha das iguarias, a qualidade e idade dos vinhos, tudo isto são as principaes *pedras de toque* pelas quaes se pôde aquilatar o gosto e a alta educaçãõ dos amphytriões.

Uma *ceia* impeccavel e inaccessible aos ataques da critica invejosa custa contos de réis, pois que não é sómente em cousas para serem comidas que se gasta enormemente.

Só deve dar grandes festas, quem as possa

dispendier sem um pensamento reservado de economia.

Uma ceia opulenta a *fingir*, é ridicula... e indigesta.

\*

Tambem o artigo — orchestra — deve ser muito *soigné* pelos donos da casa. Um grande baile sem orchestra é impossivel e produz pessimo effeito. Dançar com gosto, ouvindo muito indistinctamente o abafado som d'um pobre piano, humilde e deslocado na sua solidão no meio de tamanha grandeza, é dar prova da mais excessiva boa vontade. Só aos quinze annos, é permittida tamanha condescendencia.

\*

Desde a hora marcada no *cartão de convite* devem os donos da casa conservar-se de pé, na primeira sala, esperando pelos convidados. Quasi sempre são acompanhados n'esta faina enfadonha por alguns intimos ou parentes moços que se prestam amavelmente a conduzir

aos seus logares as senhoras que entram e cujo primeiro passo é cumprimentar amavel, mas rapidamente, a dona da casa.

\*

A hora em que as *elegantes* entram n'um baile é sempre tardia. Das 11 e meia até á meia noite. No entanto a dona da casa não tem obrigação de conservar-se na primeira sala senão por uma ou duas horas depois da que marcou para a sua festa.

Nos bailes de financeiros opulentissimos ha o buffete permanente, e, digamol-o de passagem, permanentemente assediado pelos mais intrepidos *soupeurs*. N'esse caso, que presuppõe uma riqueza excepcional, não ha serviços diversos nem os refrescos circulam pelas salas. Toma-se na sala do buffete o que se quer. Chá quente ou café gelado, chocolate ou neve, *sirop de groseille* ou *foie gras* e faisão frio. Pedê-se por bocca, e o capitalismo contemporaneo não regateia nem recusa.

Estas festas são as esplendentes taboletas

de fortunas que gostam de impôr-se e de manifestar-se.

A *toilette* da senhora que dá em sua casa um grande baile deve ser tão simples quanto o permitta este genero de *toilettes*, de si forçosamente ostentosas.

As joias que ella usa n'essa occasião não devem ser nem muitas nem muito ricas, para não humilhar tantas senhoras que, ou por dever de posição ou por gosto natural, frequentam o *mundo* sem comtudo serem ricas.

\*

Entrar n'um baile cedo de mais é falta de *uso do mundo*. Entrar tarde de mais é mostrar que se gosta de produzir effeito!

Quando ha duas *soirées* ou dois bailes, na mesma noite, é todavia impossivel deixar de entrar tarde n'aquelle a que se vae em segundo logar.

\*

Quando se recebe um convite para baile

deve agradecer-se, ainda mesmo que se não accite, dentro da semana que segue ao baile. É escusado accrescentar que os que accitam ficam sujeitos a igual dever.

\*

Ha pequenas regras a seguir n'um baile que convem não esquecer, para não incorrer no desgredo das pessoas com quem se tracta.

E' pouco delicado, por exemplo, convidar uma senhora quando já a orchestra começou a tocar a valsa ou contradança para a qual se fez o respectivo convite.

Uma senhora que recusou dançar sob pretexto de que estava fatigada, não deve tornar a dançar em todo o resto da noite, para se não expôr, e não expôr o pae ou o marido, a qualquer conflicto desagradavel.

Uma senhora que, por distracção ou levianidade, tiver accitado dois pares para a mesma dança, não deve preferir nenhum dos dois, mas sim ficar sentada para seu proprio castigo, e sem dançar por essa vez. E' tambem muito

desprimoroso da parte de qualquer dos dois homens fazer instancias para que ella assim não proceda.

E' pouco correcto da parte de uma senhora confiar a um homem estranho o seu leque, o seu *bouquet*, quando este constitua um accessorio indispensavel, qualquer objecto emfim do seu uso pessoal, emquanto vae dançar.

\*

Se a senhora que dá o baile dança ainda, ou se tiver filhas que dancem, é a qualquer d'estas senhoras que todo o homem convidado deve dirigir o seu primeiro convite. Se ellas recusarem por terem já muitos convites, e por lhes ser impossivel fixar a dança que podem conceder-lhe, elle voltará sem comtudo insistir, e renovarâ, quando seja occasião propria, o convite já feito.

\*

E' absurda e impossivel a tentativa de redi-

gir todas as regras minusculas que constituem o codigo das salas, em cada uma das mil circumstancias em que ellas podem ter applicação. Se o leitor é moço e tem instinctos delicados, estes são os segurissimos guias da sua viagem pelos mares encapellados da vida social. É provavel que sua mãe o tenha educado de modo a saber haver-se n'esses lances; e em todo o caso basta que se compenetre absolutamente do respeito devido aos velhos, ás mulheres e ás raparigas ainda muito moças e muito ingenuas, para não commetter qualquer imperdoavel *bévue* das que não esquecem mais... a quem as commetteu.

As apresentações são um escolho bastante serio para os neophitos da vida de sala.

A regra é que as pessoas mais novas sejam apresentadas ás mais velhas; as que occupam uma posição inferior ás que teem um logar mais elevado na hierarchia social; e sempre os homens ás senhoras, mesmo quando o homem seja um duque e a mulher a mais modesta burgueza.

Ha pessoas que teimam em não se deixar

apresentar a ninguém. Essas se teem grande merito pessoal, talento, renome, qualquer attributo brilhante que dê na vista, acham sempre dezenas de pessoas que desejam ser-lhes apresentadas.

Quem fôr ambicioso e tiver o desejo de *furar*, de *parvenir*, hoje tão espalhado, e que é a grande chaga do caracter contemporaneo, alcançará sempre meio, mais ou menos agradavel, de apparecer, de crear relações, de ser conhecido, apresentado, convidado, etc., etc.

Notem porém uma coisa: ha pequenas faltas quasi imperceptiveis, pelas quaes se conhece logo quem não foi educado. Tirar ou pôr, uma luva em occasião inoportuna, servir-se d'um certo modo, falar á senhora com quem se dança d'uma maneira mais familiar, sentar-se quando se deve ficar de pé, ficar de pé quando seria próprio estar sentado — tudo tem significação n'este mundo em que a fórma, a *fo-o-o-orma* como disse Brid'oison, é a rainha despotica e absoluta.

Nós porém é que não sentimos a coragem, que aliás não faltou a um collegá nosso n'este

genero de litteratura, de prever todas as hypotheses, de legislar para todos os casos, de ordenar até, por exemplo, que seja sempre para o hombro esquerdo do homem com quem conversa que a menina modesta deve olhar, para não perder o direito áquella qualificação apreciavel.

O instincto, e a arte de assimilar rapidamente os usos do *mundo* em que se penetrou pela primeira vez, serão sempre grandes auxiliares n'estas difficuldades.



## CAPITULO IX

### Pequenas reuniões nocturnas

Com o desenvolvimento da vida social ou antes com a multiplicação extraordinaria de pessoas que vivem segundo o antigo aphorismo — *à lei da nobreza* — tambem tem augmentado o numero de casas onde á noite se reuñem

para tomar chá, jogar o whist, o *boston*, o *bridge*, fazer musica ou mesmo dançar uma ou duas contradanças, as pessoas mais intimas da familia.

O espirito de sociabilidade que, por assim dizer, nasceu em França no seculo xvii, allí reinou magnificamente no seculo xviii, e se espalhou desde então pelo resto do mundo, se não é hoje intenso e nobre como já foi, está muito mais diffundido por todas as classes sociaes.

Não ha já a vida de côrte no seu alto esplendor e na sua opulencia pomposa e magnificante; não ha aquella distincta e altiva pleiade de principes que, desde Luiz XIV até ao principio do reinado de Luiz XVI, tinham meza franca e salas amplas e hospitaleiras onde se reunia tudo que a aristocracia contava de mais fino e a beleza de mais fascinador, tudo que o genio tinha de mais brilhante, e a sciencia, a arte, a politica de mais evidente e glorioso.

Em compensação, todos que n'esse tempo labutavam honesta e duramente para legarem aos filhos uma abastança solida se julgam hoje

e com razão, no direito de folgarem tambem, de *receberem* tambem, de viverem tambem para os gozos superfinos e extravagantes do mundo e da *alta vida*.

Não vem para aqui explicar quanto este novo modo de entender a *vida* e este novo processo de *viver* alterou fundamente as condições da sociedade. Vem apenas explicar o motivo porque hoje ha muitas mais *reuniões íntimas*, pequenos saraus, *sauteries* improvisadas do que no bom tempo antigo, em que as castas delimitadas pela lei o eram tambem pelos costumes, aqui pomposos, cheios de ostentação e de dissipação, alli patriarchaes, tranquillos, modestamente domesticos.

\*

As recepções de dia são quasi exclusivamente compostas de mulheres, o que não é desagradavel, mas obriga, a quem quer *viver no mundo*, a dar como supplemento alguns jantares e pequeninas *soirées* onde appareçam tambem os maridos, os irmãos, os filhos, os noivos.

Os regulamentos mundanos que presidem a essas reuniões pouco differem dos outros a que devem sujeitar-se as recepções do dia, com a differença de que a conversação não basta para entreter os convidados.

Quem sahe de sua casa leva sempre o fito feito de divertir-se um pouco. Nem sempre o consegue; mas a aspiração é tanto mais legitima quanto é certo que, a maior parte dos pobres homens que vão á sociedade por condescendencia com as esposas e as filhas, teem levado o dia a trabalhar como uns moiros, para poderem á noite ter aquella torturasinha suplementar. . . de brilharem ao lado da familia.

\*

As reuniões nocturnas dão ensejo ás senhoras de mostrarem algumas *toilettes* menos severas. As raparigas anceiam por essa occasião de apparecerem com os seus vestidos brancos, azues, rosa-pallido, etc.

A dona da casa tem habitualmente o vestido que trouxe durante o dia. A hora regula-

mentar de chegar é, pouco mais ou menos, ás nove, o que não obsta a que os amigos mais intigos cheguem ás oito e meia, se quizerem.

\*

Estas reuniões, sem as exigencias d'um baile, sem a multidão inevitavel n'um grande sa-  
rau, sem o luxo pesado e obrigatorio d'uma  
festa pomposa, teem, quando a dona da casa  
possue elegancia, amabilidade, fino gosto, um  
encanto grande. Já se vê que dão mais traba-  
lho e obrigam a mais despeza que as reuniões  
de dia, mas são o modo util, e não excessiva-  
mente caro, de conservar as relações agrada-  
veis, de attrahir a casa pessoas distinctas, de  
contribuir emfim para que a vida da sociedade  
não seja simplesmente uma sécca sem a me-  
nor compensação.

\*

Importa que haja muita luz, uma tempera-  
tura agradavel, flôres que não cheirem muito,

e espaço sufficiente n'estas reuniões, para que ellas sejam absolutamente agradaveis.

Se entre os convidados ha quem toque bem, quem cante com gosto, quem tenha emfim um d'estes talentos de sociedade que são um encanto quando não são um flagello da dita, é conveniente que a dona da casa prepare as coisas para que os outros convidados possam ouvir o artista ou o amador de verdadeiro gosto que ella attrahiu á sua sala.

Os amadores de jogo devem ter n'uma sala mais reservada uma ou duas mezas onde possam em paz entregar-se á sua distracção favorita.

Se o espaço é sufficiente, e houver muita gente moça, tambem é agradável, tanto ás filhas como ás mães, que a dona da casa arranje improvisadamente uma *sauterie* sem pretenções. Ella, ou qualquer das suas mais intimas amigas, tocará ao piano a valsa ou a contradança que escolham para dançar.

\*

E' inteiramente escusado, crêmos nós, fulminar implacavelmente todo e qualquer *jogo de prendas*, de resto banido hoje com odio de toda a parte onde haja gosto.

\*

As comedias de sala, os proverbios bem representados são uma distracção muito agradável. Dados como assumpto principal d'uma festa para que se faça convites, obrigam, é claro, a muita despesa e muito trabalho; exigem uma sala de theatro grande e especialmente armada e decorada para esse fim, etc., etc.

No entanto, quando se tenha espaço e haja duas ou tres raparigas com talento scenico e graça natural, basta um *paravent* e uma mobilia improvisada para se chegar a realisar uma pequena festa intelligente e que póde mesmo ser encantadora.

O que deve, pois, caracterisar essas reuniões que não são bailes nem *soirées*, é a despreten-

ção, a escolha habil dos convidados, e a boa vontade da dona da casa para lhes proporcionar tres ou quatro horas muito apraziveis sem constrangimento nem etiqueta. Se ella tiver muitas relações, póde convidar por turnos, para não encher as salas de mais, e tambem para poder *assortir* bem as pessoas que se reúnem de cada vez.

\*

As meninas é que servem o chá n'esta especie de pequeninas festas. Para o serviço não ha regras fixas. Depende tudo da fortuna e do gosto individual de quem recebe.

Em certas casas serve-se apenas o chá e o genero de bolos, *petits fours*, *brioques*, etc., que mais se coaduna com essa bebida.

N'outras, ha *sandwichs*, *croquettes*, pãesinhos com *galantine* e com *foie gras*, vinho de Bordeus, Madeira e Porto, chocolate, etc., o que não impede que haja tambem chá e bolos para quem gostar.

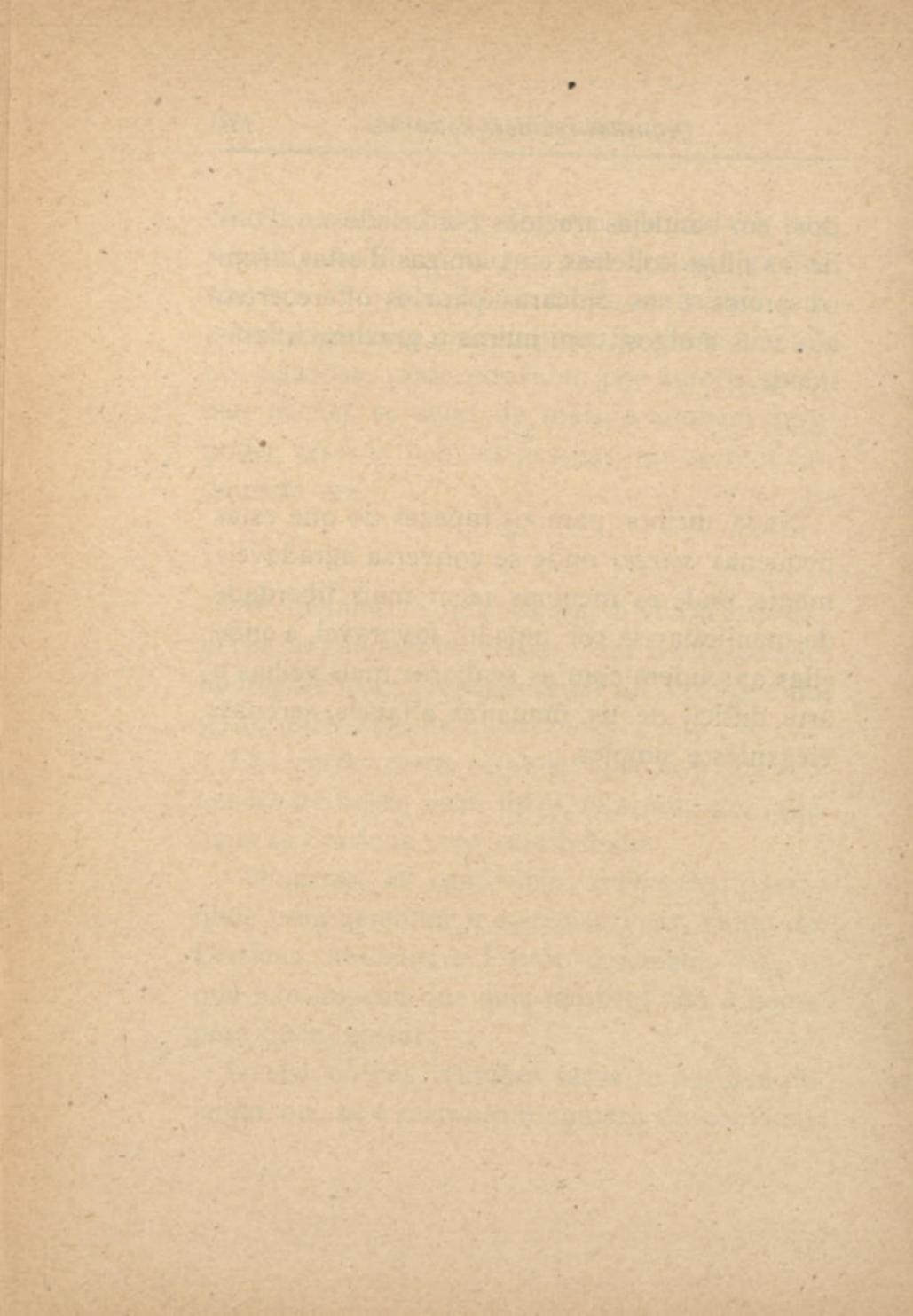
O chá d'estas reuniões serve-se na casa de jantar ou, se é restricto o numero de convida-

dos, em bandejas trazidas por criados, e d'onde as filhas solteiras e as amigas d'estas tiram os pratos e as chīcaras para os offerecerem aos seus amigos, com intima e graciosa affabilidade.

\*

Nada melhor para os rapazes do que estas pequenas *soirées* onde se conversa agradavelmente, onde as meninas teem mais liberdade de manifestar-se sob uma luz favoravel, e onde ellas aprendem com as senhoras mais velhas a arte difficil de ter maneiras affaveis, serenas, elegantes e simples.

---





## CAPITULO X

### Das visitas em geral e da arte de receber

Toda e qualquer visita de cerimonia deve ser curta. Um quarto de hora ou vinte minutos

bastam para cumprimento d'esse dever, quando a amizade não faz d'elle alguma cousa mais do que um dever.

\*

Não se deve prolongar qualquer visita, mesmo quando não é de formal etiqueta, na proximidade da hora de jantar.

Se a pessoa que visitamos vae sair, ainda mesmo que sejamos instados, não devemos prendel-a em casa.

Se é um alto personagem que visitamos, ou um homem que occupa um cargo elevado, logo que nos pareça que a nossa visita o constranja, devemos sahir, mas sem deixar perceber de leve qualquer signal de contrariedade, o que seria falta sensível do *uso do mundo*.

\*

Em Portugal as regras que presidem ás visitas são bastante diversas d'aquellas que reinam, por exemplo, em França.

Em França quem chega a uma localidade

é que tem obrigação de visitar as pessoas com quem deseja ou pretende entabolar relações. Aqui, a não serem as senhoras do corpo diplomatico, que estão sujeitas a outra pragmatica, quem chega é visitado por quem está.

E' muito menos racional, concorde-se, o nosso costume.

\*

Quando se é convidado para assistir á celebração de um casamento, deve visitar-se dentro do prazo de oito dias a pessoa ou familia de quem se recebeu o convite.

\*

Quando se recebe a participação de casamento, que é feita sempre n'uma folha de pergaminho ou de papel velino, trazendo em cada uma das paginas a parte dada pelos paes do noivo, e a dada pelos paes da noiva, tem de se fazer uma visita a cada uma das duas familias, e querendo, tambem aos noivos. E' assim que se principiam com estes as relações de sociedade.

Em França são os noivos que visitam. Este uso é mais racional também, pois a quem cria uma nova família é que compete escolher as relações que deseja, as quaes, por sua vez, podem ou não, corresponder á amabilidade que lhes é feita, pagando ou não pagando a visita do novo casal.

\*

As horas de fazer as visitas são das tres ás seis horas da tarde.

Mais cedo póde causar-se um certo incommodo a quem tem de satisfazer aos mil encargos de mãe de família e dona de casa; mais tarde é o mesmo que vir interromper o jantar ou incommodar quem janta. Em geral, toma-se o habito pouco patriarchal de responder a quem vem a esta hora que os donos da casa *estão jantando*.

\*

Tem-se tornado agora muito frequente entre nós o habito estrangeiro de ter na semana *um dia* particularmente destinado ás visitas, e

em que a dona da casa e suas filhas, na sala desde uma certa hora da tarde recebem todas as suas relações por quem são procurados. As mais elegantes d'estas recepções ou antes uma variedade do mesmo genero, mas ainda assim diversa, tem o nome de *chá das cinco horas*, ou *five ó clock tea*.

N'estas, não sómente se conversa mas tambem se come.

Os criados são quasi dispensados ou apparecem em muito pequeno numero n'estas recepções.

N'uma das salas e sobre uma mesa previamente adornada para esse fim, encontra-se aquelle genero de iguarias que são usadas para *lunch*. A urna de prata do chá, preto e verde, leite, pequenos pães de *foie gras*, galantine, sandwichs, caviar, brioches, biscoitos, etc.

As filhas solteiras da dona da casa e as suas amigas servem as senhoras que param familiarmente um momento junto da mesa onde está o *lunch* e que mesmo em pé, de chapéu e de luvas, se servem de uma chicara de chá, d'uma sandwich, d'um pouco de *foie gras*, de

uma brioche, etc., etc. É n'estes *lunchs* que apparecem os lindos guardanapos de phantasia bordados de que já falámos n'outro capitulo.

\*

A conversa no emtanto continua geral ou quasi geral na sala principal onde a dona da casa se conserva, acolhendo cada nova visita que entra, e concedendo-lhe uma exclusiva attenção de alguns minutos. As apresentações são feitas pela dona da casa ao ver que se não conhecem as pessoas que estão reunidas na mesma sala, ou ao ser solicitada por qualquer d'ellas, para a tornar conhecida de outra.

\*

Estas recepções de dia são principalmente concorridas por senhoras. Na nossa sociedade democratica ha poucos homens que não trabalhem: apenas alguns mundanos de officio fazem excepção a esta regra.

\*

A *toilette* para esta visita deve ser elegante e pôde mesmo ser rica mas sem exagero de mau gosto. No emtanto é necessario evitar n'ella tudo que pertença propriamente ás reuniões nocturnas, como por exemplo, vestido aberto nas senhoras, casaca nos homens, etc., etc.

\*

Se uma pessoa com quem se mantem relações fôr elevada a qualquer posto importante deve escrever-se-lhe uma carta de parabens, sem comtudo ir logo fazer-lhe em pessoa uma visita que pareça de *pretendente* ou de importuno. Se acontecer qualquer desastre a pessoa nossa conhecida, devemos, pelo contrario, procural-a immediatamente. Estas coisas, porém, dicta-as além do tacto social, a dignidade propria e o coração: não precisam nem devem ser formuladas n'um regulamento.

\*

E' escusado recommendar que n'uma sala se não fale baixo e se não ria com a pessoa que está proxima de nós.

Isso seria dar motivo de desconfiança ás outras pessoas que estão presentes e desconsiderar a dona da casa, a quem é particularmente sensivel qualquer offensa que fôr feita em sua casa ás pessoas que ella distingue com a sua convivencia. O entrar na conversação geral, sem manifestações de se querer attrahir a attenção ou tornar-se singular, é n'estes casos o melhor modo de mostrar a boa educação e o *uso da sociedade*.

\*

Ninguem deve levantar-se para sahir d'uma sala no meio d'uma conversa animada ou interessante, ou d'uma anecdota que alguém esteja contando, etc., etc.

Espere-se que o silencio se faça, ou que a animação descaia um instante e aproveite-se

d'esse intervallo para sahir, dando nas vistas o menos possivel.

\*

Quando alguem chega a uma sala, a visita que a precedeu não deve nunca erguer-se da cadeira que lhe foi offerecida ou indicada pela dona da casa, a menos que essa cadeira não seja justamente a que está ao lado d'ella. Só á dona da casa cumpre fazer as honras da sua sala.

\*

Uma dona de casa não deve nunca offerecer a poltrona que occupa ao lado do fogão, por exemplo, senão a uma senhora que seja para ella de infinito respeito. Uma parenta edosa, sua mãe, sua sogra, etc., etc.

\*

A conversa da sociedade, mesmo banal como é, nao tem nem póde ter regras fixas a que se subordine. Para saber o que mais agra-

da aos homens n'aquillo que lhes dizemos não se consultam formularios, mas sim moralistas.

Larochêfoucauld e La Bruyère são n'este caso os melhores mestres!

E' comtudo uma regra geral de boa educação, o não falarmos aos indifferentes de nós mas sim d'elles. Dirão que n'esse caso a conversação se torna uma lucta impossivel em que duas pessoas falam ao mesmo tempo e dizem pouco mais ou menos a mesma coisa. Em primeiro logar é tão pouco seguido este conselho que de duas pessoas que estão reunidas é raro que uma ou talvez ambas não prefiram falar de si a qualquer outro assumpto, e depois ha sempre meio de nos occuparmos dos outros sem lhes fazermos perguntas directas e impertinentes referencias. E' ainda falar a uma pessoa com quem estamos, a respeito d'ella, o falarmos-lhe de assumptos ou questões que lhe são gratos ou que a interessam vivamente.

O mais odioso assumpto de conversa que possamos escolher é a *nossa propria personalidade*.

No *mundo*, é necessario dizer e repetir isto, ninguem se interessa pelo visinho, e todos se interessam por si proprios. Foi para disfarçar sob graciosas apparencias esse egoismo universal, que a polidez, que a amabilidade mundana, que o *savoir vivre* cortezão inventou as suas formulas mais encantadoras, e as suas mais elegantes e requintadas hypocrisias.

Vae-se hoje á sociedade para apparecer, para indicar que se pertence á *élite*, para mostrar o *luxo* que se tem, para crear relações, para mil fins utilitarios que não é necessario nem opportuno enumerar aqui — como d’antes se ia aos salões para brilhar, para conversar, para ostentar espirito e graça.

Portanto hoje o que menos se requer nas salas da nossa baralhada e cahotica sociedade é o *espirito de conversação* que foi em França por exemplo, e durante o seculo xviii, um dos factos sociaes de mais alta importancia.

*Saber ouvir*; não contrariar asperamente o que se houve; não discutir; não apresentar nem os seus principios nem as suas convicções; não deixar adivinhar os seus interesses, os seus

projectos, as suas ambições, os seus despeitos — tudo isto faz parte do *savoir-vivre* especial do nosso tempo.

Se falamos de nós, já se vê que não cumprimos nenhum dos pontos mais importantes d'este programma e importunamos os outros.

A cada pessoa falemos pois d'aquillo que a deve preoccupar e interessar conforme o sexo, a idade, a posição social, a intelligencia, a educação.

Já se vê que esta arte não se póde encerrar em certo numero de formulas.

E' necessario ter um entendimento muito lucido, e um gosto muito fino para a pôr completamente em pratica.

Aos que o não tiverem aconselhamos pois que falem pouco, e pensando bem no que dizem.

Nunca se perde por falar de menos.

Madame de Stael achava sempre um espirito encantador, um talento de primeira ordem a quem a ouvia *muito calado* e muito attento. Todos n'este ponto se parecem um pouco com *Madame de Stael*.

\*

Os homens devem deixar na ante-camara ou casa de entrada quando fazem uma visita, o seu *pardessus*. Entram na sala com o chapéu n'uma das mãos.

E' de tão mau gosto deixar o chapéu á entrada da porta como entrar com o *paletot* na sala.

Um homem conserva na mão o chapéu todo o tempo em que dura a sua visita.

\*

Não é uso esperar que a dona da casa indique, ao homem que entra, a cadeira em que deve sentar-se. E' elle proprio quem toma a que mais lhe apraz, não devendo porém nem aproximar-se muito da senhora a quem faz a sua visita, nem tão pouco sentar-se ao lado d'ella. Só no caso de ser convidado para isso é que toma a cadeira que está ao lado da dona da casa

Sempre que uma senhora entra na sala, os

homens levantam-se. As senhoras fazem apenas uma inclinação de cabeça, mas não são obrigadas a levantar-se.

\*

Um homem não deve nunca consentir que uma senhora o acompanhe mais longe do que a porta da sua sala, sempre que ella tenha em casa outras visitas. A esta regra nem um príncipe faz excepção.

\*

As visitas do *anno bom*, tão usadas em França, não o eram ha pouco entre nós. No entanto, como os nossos costumes se desnacionalisaram com uma rapidez vertiginosa, não admira que essa *usança* se installe e desenvolva tambem em pouco tempo.

Só os amigos intimos é que faziam d'antes em Portugal visitas de *boas festas*.

Agora todos ou quasi todos mandam bilhetes pelo Natal ou pelo Anno Bom, quando lá

fóra começa a usar-se applicar publicamente a um fim de caridade o dinheiro, que se gastava na remessa de montões de bilhetes de visita a todos os amigos, conhecidos e indifferentes.

\*

No artigo *bilhetes de visita* ou cartões proprios para esse fim, não se póde dar conselhos seguros. A *moda*, n'isto como em quasi tudo que respeita aos usos convencionaes da sociedade, é que dá as suas leis, sempre ephemeras e sempre variaveis. Não a exagerar, porém, é regra prudentissima.

Aconselhamos a leitora a que procure o estabelecimento mais distinctamente *achalandé*, em que haja mais elegante clientela, e que se determine pelo que lá vir de mais moderno. Os mais distinctos *bilhetes de visita* que temos visto são em *bristol* ou em *pergaminho*, nem muito grandes nem excessivamente pequenos, com o nome bem lithographado. Faz-se para cada nome o *cliché* em aço, e manda-se repetir a mesma formula.

\*

Em todo o *ménage* é conveniente que, além dos cartões especiaes da dona e do dono da casa, haja cartões em que os dois nomes appareçam juntos. E' sempre o da senhora que precede o do marido.

Um homem deixa os seus cartões de visita aos chefes da familia de um e outro sexo.

A senhora só deixa bilhete para a dona da casa.

Deixa-se bilhete, ou envia-se quando se está longe, sempre que se receba qualquer amabilidade, como convite, parte de casamento ou de nascimento, etc., etc.

Tambem, por occasião de qualquer luto ou calamidade das familias com que se mantem relações, é praxe mandar ou levar á porta os bilhetes de visita que signifiquem *peçames* ou sentimentos de condolencia.

Apesar da puerilidade d'estes usos, os homens, e principalmente as mulheres, não perdoam a quem os não cumprir.

\*

Sempre que um homem fôr apresentado a uma senhora, tem obrigação de ir deixar-lhe á porta o seu cartão de visita. E' praxe quasi geral serem os maridos quem apresentam a suas mulheres os homens com quem desejam ter relações de sociedade. Só em circumstan-  
cias excepçionaes succede outra coisa. Em todo o caso, o novo apresentado visita, é claro, marido e mulher.

Se é apresentado n'um baile a uma menina como par, não fica por esse facto obrigado senão a tirar-lhe na rua o seu chapéu, se conhece a familia; e nem mesmo a isso, se fôr inteiramente um desconhecido para os paes. Não o fazer é signal de descripção e respeito, ao contrario do que poderá parecer a pessoa menos delicada.

\*

Não havendo indicação contraria, é mais distincto não fazer visitas ao domingo nem

aos dias santificados. Ha dias consagrados por algumas pessoas a deveres de consciencia, que é delicado não perturbar, ou a reuniões de familia, que é mais discreto não querer interromper.

Sempre que uma pessoa indica um dia da semana para receber os seus amigos, não ir n'esse dia, e ir n'outro qualquer, ou é excessivamente familiar, ou é pouco amavel, pois pressuppõe o desejo de não encontrar em casa a senhora a quem se visita.

\*

Os *five ó clock tea*, ou chá das cinco horas, são mais reuniões de dia, do que propriamente uma hora destinada a receber as visitas que se teem. Por isso ahi, n'essas reuniões, em que o elemento feminino predomina forçosamente, é natural que as senhoras se demorem a conversar umas com as outras. Quando porém uma senhora tem simplesmente um dia

*em que fica em casa*, cada visita se demora até outra entrar, e sae pouco depois, não esperando nunca que saia antes d'ella a que veio já depois de ella estar. No caso contrario quem tem uma sala pequena vel-a-hia atulhada de visitas, estranhas talvez umas ás outras, e portanto um pouco seccantes.

E' necessario adquirir tacto sufficiente para distinguir estas *nuances*. *Um dia para receber* não é propriamente o mesmo que um *chá das cinco horas* ou que uma *matinée*. As duas ultimas coisas são quasi festas; a outra é apenas, para quem tem muitas relações e occupações de mãe de familia que a prendem bastante, a satisfação d'um dever social, que lhe não pese excessivamente.

\*

E' necessario evitar quanto possivel fazer visitas em caravanas numerosas. Já se vê que esta observação não diz respeito a visitas intimas. Essas fazem-se sem formulas e sem praxe. São uma alegria de coração que se dá e recebe. Uma mãe que fôr com o seu ranchinho

infantil ou adolescente visitar uma amiga íntima é sempre bem vinda e bem recebida. Isso porém não lhe succederia certamente se fosse a casa de pessoas quasi estranhas, ou apenas convencionalmente relacionadas com ella.

\*

*A má lingua* em sociedade é sempre indício de baixa educação e de instinctos grosseiros. Quando se conversa só para dizer mal, inspira-se fatalmente o receio de que, os que estão agora presentes na qualidade de *ouvintes*, sejam logo sacrificados na qualidade de *victimas*

A dona da casa, que está presidindo á sua recepção mais ou menos íntima, e que tem a má fortuna de deparar com um d'estes importunos, que fazem da malevolencia e da malsinção o seu officio favorito, tem toda a desculpa e quasi que o dever moral de cortar abruptamente a conversa e de a fazer desviar para outro caminho, que seja inoffensivo e de interesse geral.

\*

Igual direito lhe assiste, sempre que ella percebe que ha inconveniencia involuntaria ou indiscrição perigosa no que está dizendo qualquer das suas visitas em relação a outra que tambem esteja presente.

Da serenidade de animo e do tacto de uma senhora depende muita vez a boa resolução de conflictos, que n'outra occasião podiam ser graves.

Não ha para desfazer attritos e para apaziguar hostilidades masculinas como a finura e a distincção nativa d'uma mulher intelligente.

Madame Recamier deveu a celebridade de que tão largamente gosou, menos á sua extraordinaria e incomparavel formosura, que essa apagou-se com a idade, do que á maravilhosa affabilidade, á graça unica com que sabia acolher todos, e fazer com que na sua sala todos, até os adversarios mais irreconciliaveis, se deixassem desarmar por ella e suspendessem, sob a sua egide protectora, as hostilidades que os traziam separados.

A verdadeira polidez nunca se chega a adquirir completamente, com todas as graças que a complicam e todos os requintes que a levantam á gerarchia d'uma virtude, senão quando a senhora que a pratica tem um grande coração e uma intelligencia afinada e clara.

\*

Receber bem é uma das virtudes sociaes e mundanas mais difficeis e mais complexas.

E' necessario que a senhora que recebe se esqueça completamente de si. Se tem espirito, que o apague e eclipse voluntariamente; se tem belleza, que a ponha na luz menos favoravel. Que não fira a vaidade a ninguem. Que se esforce por fazer brilhar todos, cada um na esphera em que é particularmente distincto. Que tire de dentro de cada uma das pessoas que estão reunidas em torno d'ella a faisca de talento ou de graça, de encanto ou de poesia, de vivacidade ou de espirito que lá exista.

O seu *genio* tem mil occasiões de manifes-

tar-se, mas nunca de modo que seja pretenciosamente ostensivo.

O triumpho que ella alcançou ou a derrota que soffreu, só podem ser claramente manifestados no encantamento a respeito de si proprios em que os seus hospedes a deixam, ou no desconsolo com que elles se recordem das horas que lá passaram!

A não ser que, pela posição social que occupe, esta senhora continue a ser procurada, unicamente por vaidade—o mais natural é que a breve trecho se veja muito pouco rodeada de relações mundanas, quem proceder por modo contrario áquelle que incompletamente enúnciamos acima.

\*

E' absolutamente impossivel prever n'um livro d'este genero todas as circumstancias, todas as hypotheses, todas as possiveis eventualidades.

Ha coisas porém que o instincto ensina a quem não fôr inteiramente desprovido d'aquella finura indispensavel aos que frequentam a sociedade.

Evitar dar na vista pela precipitação da entrada n'uma sala, pelo uso de voz estridente, pela irregularidade do vestuario, pela maneira abrupta de sentar-se ou de levantar-se, pela petulancia ou pela humildade das maneiras — tudo isto são coisas que se comprehendem sem que seja necessario ensinal-as.

\*

As mulheres de altos personagens—os altos personagens hoje em dia é raro que tenham nascido em berço doirado e que tenham consultado para mudarem de estado o almanach de Gotha ou seus congeneres—as mulheres de altos personagens modernos devem ter o maximo cuidado em não falar na importancia dos maridos, no favor de que gozam, na influencia de que dispõem, nos empregos que distribuem, etc., etc. Tudo que seja fazer alarde de importancia, de riqueza, de fidalguia, de talento, seja emfim do que fôr, é ridiculo, e presta-se a interpretações nem sempre excessivamente caridosas.

## CAPITULO XI

### Da mobilia e da decoraçãõ interior das casas

Se ha coisa em que o gosto possa manifestar-se á vontade em toda a exuberancia e em todo o capricho d'uma arte, é na maneira por que se entende a decoraçãõ interior d'uma casa. O eclectismo do gosto moderno faz hoje de cada habitaçãõ opulenta um museu artistico.

A barateza relativa dos productos industriaes, dá ensejo ainda ao mais pobre a ornamentar graciosa e gentilmente o ninho em que

tem de viver. E a vulgarisação por meio da photographia, da gravura, da phototypia, etc., etc., dos quadros mais famosos, ou das creações d'arte mais bellas, favorece o gosto dos pobres, educa-lhes o olhar, concorre para que em cada modesto e pobre *ménage* possa haver um toque de espiritualismo e de graça, inteiramente desconhecido ainda ha bem pouco. Os que não são muito velhos recordam-se ainda das salas e dos quartos interiores da nossa classe média ou da nossa aristocracia empobrecida.

Nas casas d'esta ultima, havia a miscellanea mais curiosa e inintelligente.

Moveis bellissimos arrumados com desprezo para os cantos mais obscuros, emquanto que a mobilia de mogno, sem character artistico e sem commodidade, se ostentava orgulhosamente nas salas mais frequentadas.

Nas outras o classico *camapé* de palhinha que o Tolentino celebrou, as cadeiras alinhadas em perfeita e horrida symetria, as mezas de jogo sobre as quaes o eterno espevitador de prata esperava o morrão que havia de escurecer a luz dos castiçaes de prata muito corre-

ctos e muito aprumados também, e que, pelos modos, ninguém tinha nunca ensejo de accender.

Havia casas mais phantasiosas em que um cysne empalhado, um cão de faiança, ou um magestoso ramo de flôres artificiaes de concha ou de trapo, de cascas de alho ou de missanga, — acobertado pela redoma ainda mais magestosa, attraia da parte das raras visitas uma expressiva careta de sincera admiração.

Felizmente hoje operou-se n'esse ponto uma mudança absoluta.

Se alguma coisa póde talvez notar-se em desabono da nossa noção actual de comprehendermos o interior da casa, é a abundancia dos ornatos, o abuso do *bric-à-brac* barato e caro, a agglomeração nem sempre sensata dos moveis, o excesso contrario áquelle que tanto entristecia os interiores burguezes ou pouco abastados de ha meio seculo.

N'este ramo, como em todo aquelle por que se manifesta a nossa actividade intellectual e a nossa noção da vida pratica, convém evitar o excesso e a pretenção.

Tão triste é uma casa completamente nua, sem especie alguma de graça e de elegancia, como é incommoda uma casa onde a gente não dê um passo sem tropeçar n'um *guéridon* muito fragil cheio de pequeninos objectos de preço que cahem ao chão ao mais leve impulso, e inundam o tapete de fragmentos de preciosidades, com profunda consternação do desastrado visitante que produziu a catastrophe.

A gente menos culta é positivamente aquella que leva o instincto da imitação até ao exagero e ao ridiculo.

Tivemos uma vez ensejo de entrar n'uma casa cujo aspecto nunca mais se nos riscou da memoria.

Eram pequenissimos os compartimentos que a dividiam, e tão cheios estavam que era difficil a uma pessoa mexer-se no meio d'aquelle *pandemonium*. . . de moveis. Os armarios pseudo-antigos, os pratos pseudo-japonezes, as *figurines* pseudo-sèvres, as estantes carregadas de coisas, os *poufs* bordados, as mezas pequeninas, as cadeiras de phantasia, os simili-bron-

zes, as estatuetas, os jarrões eram em tal abundancia que só elles cabiam nas differentes salêtas em que a casa se dividia. Quem lá entrasse teria de andar por cima dos moveis ou suspender-se do tecto por meio de arriscada gymnastica.

Já se vê que isto não constitue regra, e que havia aqui manifesta demencia dos donos da casa; mas esta especie de abuso, em muito menor proporção, está-se espalhando por demais entre nós.

Comprehende-se que um palacio enorme e habitado por millionarios possa ter quasi o aspecto de museu que as casas opulentas estão adquirindo. Por maior que seja a abundancia de moveis ricos e de preciosidades raras, sempre fica amplo espaço para a gente se mover á vontade.

Agora nas pequenas casas que hoje, á imitação de Pariz, nós estamos construindo e habitando, convém que haja selecção escrupulosa da mobilia, discreta distribuição do espaço, luxo embora, mas sem superabundancia carregada e excessiva nos ornatos.

A arte da mobilia e da decoração interior e exterior d'uma casa, é uma arte complexa em que se resumem umas poucas. Lêr a descripção d'um d'esses palacetes maravilhosos em que a tradicional opulencia d'um La Tremoille, em que o requintado gosto e a riqueza prodigiosa d'um Rotschild ou de um Spitzér, reúnem tudo que póde de mais bello e de mais primorosamente escolhido: a architectura, a pintura, a estatuaria, a ceramica antiga, ou asiatica ou europeia, a arte decorativa, a industria dos estofos mais raros e mais preciosos, a marcenaria e a arte de talha do seculo xvi, a phantasia exotica da China e do Japão, a inspiração ampla e bella dos artistas da Renascença, e o diletantismo flexivel e prompto ás transformações imprevistas dos modernos decoradores;— lêr a descripção deslumbrante d'um d'estes palacios da velha aristocracia ou da moderna finança, dos artistas millionarios ou dos banqueiros quasi principes, é o mesmo que entender a fecunda riqueza d'imaginação do nosso tempo, os recursos infinitamente variados que elle possui para assimilar e possuir tudo que as outras

epochas produziram de mais bello e de mais assombroso.

\*

Não entra nas dimensões nem no character d'este livro descrever tão soberbas maravilhas. Ninguém pôde possuil-as a não ser uma *élite* muito pouco numerosa e muito pouco acces-sível.

Mas hoje, felizmente, sem ser rica como Rotschild pôde uma pessoa medianamente çulta, na esphera mais ampla ou mais limitada dos seus meios de fortuna, *crear* um interior agradavel onde seja dôce viver e receber alguns amigos verdadeiros. A' Inglaterra principalmente se devem as maravilhas feitas para democratisar a arte e para a pôr ao alcance das bolsas mais modestas.

Foi um grupo dos seus mais notaveis artistas, impulsionados, dirigidos pelo grande homem que foi Ruskin, quem deu o primeiro impulso a este movimento devéras moralizador, e que a generalisar-se pelo mundo inteiro faria mais pela elevação da familia, pelo aper-

feiçãoamento da vida, pelo embelezamento do lar domestico, do que todas as prédicas e todos os sermões de frades em guerra aberta com o mundo moderno!

Ruskin, seguido por artistas como Burne Jones, William Morris, Walter Crane, Richmond Holiday e outros, proclamaram-o primeiro nas suas conferencias, nos seus livros, nos seus artigos de propaganda, e os outros nas obras de arte que foram como que a applicação d'esses principios, — que é necessario e urgente que a arte deixe de ser um luxo dos felizes, para se tornar n'um elemento de progresso e de moralisação, e que portanto a democracia inteira possa participar dos gozos infinitos e infinitamente civilisadores que a esthetica proporciona.

A arte, segundo elles, deve ser ao mesmo tempo muito nobre e muito popular. Deve exprimir cousas bellas e de modo que todos as entendam.

Deve levantar e educar *todos* porque deve ser um producto em que todos collaboram; e deve elevar e educar os que d'ella gozarem,

quer dizer ainda *todos*, porque todos são chamados igualmente a comprehenderem os gozos que ella dá.

«E' vergonha para um artista honesto, dizia William Morris, gosar o que realisou, egoistamente, como seria vergonha para um homem rico, comer copiosamente no meio de soldados a morrerem de inanição dentro de um baluarte cercado pelo inimigo.»

Aqui o rico é o artista, o inimigo é a pobreza, a ignorancia, a miseria.

Mas o meio de tornar o operario humilde tão accessivel aos gozos de arte como o artista aclamado e glorioso?

A resposta é facil. Educando o operario para que elle desenvolva em si mesmo o gosto e a destreza de que todos mais ou menos temos a virtualidade; educando o pobre de modo que sejam para elle letra comprehensivel os mysterios da belleza esthetica.

Basta que a cada officio se dê um impulso artistico; que cada operario deseje na sua especialidade a excellencia a que póde e deve aspirar, e que as artes modernas tomem na

nossa sociedade democratisada o papel primitivo que tinham nas sociedades antigas, e cada utensilio, cada movel, cada objecto de necessidade usual, seja ao mesmo tempo bello nas suas linhas, e util no seu fim !

Para conseguir este intuito altamente moralizador, a Inglaterra, paiz pratico, utilitario e poetico ao mesmo tempo, fez dos seus melhores artistas, decoradores como eram os da Renascença.

Assim a arte deixa de ser uma flor de luxo separada da vida ; é a propria vida espiritualizada. Os mais delicados artistas, os pensadores mais subtis, os esthetas mais finamente sensiveis, applicam as suas faculdades altissimas a desenhar modelos para *carpets*, para biombos, para papeis e estofos pintados.

Burne Jones faz os ornatos de chaminés de faiança, e de pianos ; pinta cartões de mosaico para egrejas, etc. Herkomer desenha minuciosamente um serviço de mesa de louça. Os mais altos prestam-se a labores que ha pouco se tinham por mais baixos. E d'esta forma a arte em vez de ser um privilegio raro

é a propriedade de todos, e por todos pôde ser igualmente gozada!

William Morris foi mais longe ainda. Estabeleceu-se como fabricante de papeis pintados, de estofos baratos, etc. Burne Jones deu-lhe os modêlos que elle applicou á arte industrial, e o mundo viu de repente que os mais pobres tambem podiam fazer penetrar um raio do bello no seu interior até aqui desallumiado.

Os estofos chamados vulgarmente *liberty* ou *modern style* são o producto d'esta união bem-dicta entre a arte mais alta e a industria mais vulgar.

Modestas, familias, de orçamento apertado, podem hoje forrar as paredes da sua salinha com papeis de um verde agua delicioso, de um cõr de rosa desmaiado e tenue, de um *mauve* agonisante, em que destacam girasões cõr de ouro vivo, lyrios amarellos e roxos de folhagem esguia, ramos de glycinias pendentes em desordem artistica, folhas largas das que desabrocham á beira dos lagos solitarios, formosas nympheas feitas de graça, elegancia e myste-

rio. . . Além dos papeis ha tecidos variados do mesmo genero, que vão da mais pobre chita, até ao mais espesso e opulento brocado, e em todas ellas a mesma belleza de côres, a mesma variedade elegante de folhagens, de flores, de formas fantasticas e caprichosas.

Hoje só quem de todo não tiver gosto é que não pode arranjar a sua casa com simplicidade e graça e com um cunho de arte que denuncia immediatamente a cultura intelligente de quem a habita.

\*

O mobiliario antigo é ainda o que triumphana nas casas opulentas.

Nada iguala a belleza e a magestade dos contadores italianos, hespanhoes ou indios; das commodas do seculo xviii tão elegantes nos seus boleios, tão ricas de metaes cinzelados, alguns de auctores conhecidos e authenticos; dos bufetes de pés torneados, de um peso e de uma solidez magnificas.

Tambem hoje recomeça, vinda já se vê da

França onde principalmente bebemos todas as nossas inspirações, pois que até a evolução pre-raphaelistica, a arte democratica de William Morris, as theorias estheticas de Ruskin tão anti-latinas, só foram conhecidas por nós depois de propagadas e traduzidas pela França; — tambem hoje recomeça entre nós a mania do mobiliario Imperio. Os mognos macissos, as linhas severamente rectas, os bronzes cinzelados, a aguia, a corôa de louros, os symbolos guerreiros, toda a farrapagem marcial que tão caro custou aos que a divinizaram, tudo isso torna agora a ser o enlêvo de colleccionadores e *dilettanti* de arte.

No entanto as mobílias de *estylo* só conveem, repito, a quem fôr muito rico.

Nada mais ridiculo do que o arremêdo e os anachronismos em cousas que demandam uma authenticidade incontestada, e um gosto puro e segurissimo.

Mobiliás Luiz XV e Luiz XVI, Imperio, ou Renascença ficam bem em palacios, em grandes salões onde tudo esteja em harmonia e transluzza esplendor e magestade.

Aos interiores modestos cabe a arte moderna applicada com discernimento e gosto. Ella é propriamente a arte de uma democracia.

Tem para todos os preços: tecidos ricos e tecidos modestissimos, tudo claro, fresco, com ornamentação de flores e plantas.

Com estes elementos pôde comprar-se uma decoração lindissima. Não é prohibido aproveitar alguns motivos do seculo xviii, que tambem se prestam muito á elegancia de um *boudoir* ou de uma pequena sala.

Os biombos de madeira branca envernizada, com vidraças miudas, e pequenas *étagères* para retratos e *bibelots* enfeitam muitissimo. Quem souber um pouco de desenho, e tiver a fortuna de conhecer um marceneiro intelligente, modesto e docil, pôde inventar a sua mobilia, e fazel-a executar barato e com gosto seu, applicando-lhe madeiras claras, e fórmãs de simples e elegante commodidade. N'isto, como em tudo, é necessario gosto individual e uma certa cultura, hoje facilmente adquirida em livros especiaes de que as litteraturas franceza e ingleza são riquissimas.

As casas productoras tanto da França como da Inglaterra mandam os seus catalogos a quem lh'os pedir.

Auxiliada a escolha, por meio de uma educaçãõ de arte mediana, cada dona de casa pôde constituir um interior alegre, elegante, cheio de frescura e de poesia, que seja já o indicio exterior do seu character e do seu coração.

Porque a verdade é que se adivinha logo ao entrar n'uma salêta, n'uma sala ou n'um *boudoir* feminino qual seja o espirito que presidiu á ornamentaçãõ de qualquer d'esses aposentos quer elle seja rico quer modesto.

Hoje mais do que nunca a escolha e o gosto pessoal sãõ requeridos em tudo que respeita o mobiliario e o ornato. A banalidade da sala feita e arranjada toda pelo estofador, sem intervençãõ directa da dona da casa, está-se tornando mais rara.

O que é indispensavel é ter o gosto um pouco educado e isto tanto é necessario para escolher uma chita barata, como para escolher uma sêda chinesa ou um brocado antigo.

Tanto se manifesta a elevaçãõ e a cultura

d'um espirito na compra d'um quadro como na compra d'uma gravura.

Digo-lhes mais. Na escolha do quadro póde bastar o dinheiro; o nome do auctor guiará o comprador na aquisição da obra de arte; emquanto que um pobre *bibelot*, uma gravura de pouco preço, um estofa modesto, só podem ser escolhidos por quem tenha um gosto fino e cultivado.

\*

Aconselhamos ás nossas leitoras, que não podendo ter um modo de viver social correspondente a uma grande fortuna, e não sendo, por conseguinte, obrigadas a mobilar salas de recepção inteiramente destinadas ás visitas, tenham antes uma sala de todos os dias, mais vezes renovada, do que uma d'estas frias salas em que não se entra nunca, e que cheiram a bafio, e a *janellas fechadas* quando por um raro acaso lá penetra alguém. A sala que tenha este aspecto intimo, este aspecto de habitada, póde de mais a mais mobilar se muito melhor e mais facilmente. Das primeiras são forçada-

mente proscriptas as photographias de amigos, os pequenos objectos de uso quotidiano, emquanto que as outras podem ser enfeitadas com mil pequenos *nadas*, que dão logo um aspecto risonho e festivo á casa onde estão.

Em Pariz, por exemplo, os quartos de cama não são tão inviolaveis como entre nós. Com quanto o leito se occulte, ou por detraz d'um cortinado farto, ou por detraz d'um *paravant* elegante, as pessoas de fortuna media quando recebem á noite alguns amigos, armam no quarto da cama as bancas de jogo, e d'este modo dão mais espaço aos outros convidados para se moverem nos compartimentos restantes.

\*

As salas de jantar não devem ter moveis que não sejam proprios á funcção especial a que são destinados.

Applicam-se agora os azulejos nacionaes ou hespanhoes como motivos de decoração muito alegre a moveis de casa de jantar.

No nosso entender as casas de jantar ricas,

em que possam ostentar-se pratos antigos ou modernos, pratos artisticas do artistico joaheiro que se chama Leitão; louças da China, de Sèvres, de Saxe, de Wedgewood ou Japão, em grandes armarios com fórmula de *vitrines*, sempre ficarão mais harmonicas quando lhes completar o adorno uma mobilia classicamente antiga.

Podem aproveitar-se para estas casas de jantar os bellos armarios hollandezes que ha ainda em muitas casas de Portugal, os bufetes de pés torneados que servirão de aparadores, as cadeiras de espaldar de couro e pregaria, os moveis de estylo em toda a sua opulenta grandeza.

Mas para uma casa de noivos modesta e sem pretenções ha no genero moderno, festivo e claro, com motivos muito risonhos, cousas lindissimas.

Ha para estas casas de jantar moveis de genero inglez modernos que são encantadores. Não são propriamente aparadores, não são sómente armarios, e muito menos estantes ou commodas, mas participam de tudo isto. Teem

armariosinhos, recantos, prateleiras, gavetas, escaninhos. Offerecem a maior commodidade, e fazem as delicias da *ménagère* intelligente, que em cima das prateleiras colloca os seus pratos bonitos, os seus vasos de ceramica nacional ou exotica, as suas pratas se as tem; que dentro das gavetas guarda a roupa de meza, os talheres, etc., e dentro dos armarios as louças e os crystaes.

O mesmo movel presta-se a uns poucos de usos de utilidade pratica e de ornamentação elegante, poupando espaço sem excluir o apuro e a graça.

Nas janellas podem applicar-se chitas claras de flôres ou folhagens bem desenhadas e bem pintadas, ou setinetas de uma côr só, verde clara, grenat, azul ferrete.

As paredes podem ser forradas ou de estofos iguaes se fôr de uma côr unica, ou então de papel cuja côr corresponda ao do fundo das cortinas e reposteiros.

Sobre a meza de jantar um panno alegre da mesma fazenda dos estofos, ou de uma qualquer fantasia que dê prazer á vista.

A ornamentação das paredes é também conforme o gosto e os meios. Pratos grandes, *étagères* com objectos de faiança, ou louça artistica são muito apropriados.

Plantas verdes, abundancia de luz e flores, e tudo isto formará um conjuncto alegre e bom para a vista e para a saude da alma.

Não posso deixar de lembrar continuamente que só dentro da casa, a mulher encontra a verdadeira felicidade, a verdadeira razão de existir.

A casa, o lar, é o templo da mulher.

Alindal-o, aperfeiçoal-o, applicar-lhe todos os requintes da sua imaginação e do seu gosto, fazer d'elle o logar entre todos querido, onde o marido repouse e se sinta feliz, onde os filhos tenham a sensação de um bem estar *unico*, eis a missão da mulher, que o mundanismo não tenha pervertido, ou que outros [factores que concorrem com o *mundanismo*, e não são incompativeis com elle, não tiverem brutalizado. Ao entrar n'uma casa, quem tem o condão de saber *vér*, adquire logo o segredo da vida que ali se passa.

Se a casa é alegre, aceiada, cheia dos pequenos *nadas* que dão encanto á vida quotidiana, 'se ha flôres, minucias de arranjo, se o jantar é saboroso e bem escolhido, se tudo denuncia ordem, methodo, intelligencia, — é feliz essa familia, a mulher comprehendeu o dever maximo da sua vida e sabe cumpril-o.

Mas se ha falso luxo, falso *menu*, falso arranjo, arremêdo de cousas inacessiveis, pejo nos donos da casa, da sua modesta mediania, então é certo, que a vida intima d'essa familia está empeçonhada na sua origem.

Em Portugal ha um defeito gravissimo de educaçãõ e de entendimento que nos não cançaremos de notar e de combater. E' a mania que os pobres tem de fazer de ricos, os remediados de fingir de opulentos.

Isto é abominavelmente ridiculo e produz os effeitos mais comicos.

Cada pessoa ou cada familia deve acceitar francamente a posiçãõ financeira que tem, e dentro da esphera que os seus meios lhe permittam é que deve calcular o pé em que tem de viver. O gosto existe independentemente

da riqueza, e ainda mais, póde manifestar-se mais seguro, mais pessoal, com mais originalidade, quando tem de lutar com um *budget* limitado, e quando precisa de dever tudo á fantasia mais ou menos fina, á sensibilidade mais ou menos apurada, á cultura interna mais ou menos methodica.

\*

\* \*

No quarto de *toilette* é muito elegante ter sobre o toucador e lavatorio todos os objectos de uso, taes como escovas, pentes, caixas de pós de arroz, estojo de unhas,, frascos de vinagre de *toilette* ou de perfumes, de agua de Colonia etc., etc., — mas é necessario para que esta exposição se admitta, que os objectos sejam de apurada elegancia.

As mulheres ricas teem geralmente guarnições de prata sobre os seus toucadores chamados *à la duchesse*.

As que o não são, podem tambem com facilidade ter um toucador d'este genero.

Basta uma meza de pinho ou casquinha, e

um espelho oval com moldura lisa de igual madeira.

Meza e moldura do espelho torram-se elegantemente com um tecido barato, que póde ser cassa ou chita Pompadour ou cambraia branca sobre satinette côr de rosa, azul ou verde claro, ou *tul point d'esprit* sobre seda leve de uma côr tenra.

Basta isto bem feito, bem *drapé*, para dar um tom de elegancia e frescura a um quarto. Quem não tiver utensilios de prata póde tel-os de marfim com a firma.

E' em todo o caso inadmissivel que á conservação de todos esses objectos deixe de presidir a maxima ordem e a maxima limpeza.

\*

Uma estante de livros não está bem na sala de visitas, a não ser que esta tenha o character intimo a que acima me referi.

Se é porém uma sala de todos os dias, os livros ficam bem, são até uma decoração espiritual que agrada muito.

Nas casas inglezas vive-se muito na *library*. E' ali que estão as poltronas mais fôfas e mais commodas. E' ali que o lume do fogão é mais crepitante e agasalhador, que o tapete felpudo acaricia mais os pés, que o cão favorito se espreguiça perto do lume com mais confiança e mais socego.

Mas infelizmente nós não conhecemos o encanto da vida ingleza.

O *home* é para nós ainda uma noção muito incompleta.

O lugar dos retratos de familia é nos gabinetes de trabalho, nas salas, nos quartos de cama. Nunca, em caso algum na sala de jantar.

\*

Ao arranjo e decoração da casa o que deve presidir sempre é o bom senso, e a comprehensão da commodidade mais requintada. As pessoas muito ricas teem salões inteiramente subordinados á idéa da representação official; e esses, já se vê, são mobilados com o maximo luxo e a maxima ostentação. Mas nas casas

modestas, deve primeiramente attender-se ao que é commodo, e depois, só depois, ao que é vistoso. Que os moveis sejam escolhidos com o fito de proporcionarem maior somma de commodidades ás pessoas que teem de os usar: eis o ponto de vista razoavel.

O bom gosto, a elegancia, não excluem o conforto.

Ha pessoas que tudo sujeitam ás apparencias do luxo mais laborioso. Creiam, quando assim fazem, que se sacrificam, sem lograrem o seu fim, que é deslumbrar o proximo.

Quando se não possam ter moveis ricos, tenham-se moveis simples, de linhas harmoniosas, bem apropriados ao fim a que se destinam.

As salas inglezas são modelos de conforto e de aconchego.

Grandes poltronas, vastas mezas macissas cheias de livros de gravuras e miniaturas; de objectos proprios para escrever e desenhar; cadeiras, umas ligeiras para se transportarem facilmente, outras acolhedoras e como que convidando a longos repousos depois do trabalho

do dia—pequenos recantos ao pé das janellas, feitos com um biombo, uma ou duas cadeiras, uma pequenina banca de carvalho, algumas plantas bem tratadas, fazem de cada sala umas poucas de salinhas adoraveis, onde se pôde conversar discretamente e cada um com os companheiros mais adequados ao seu humor especial.

Nada mais agradavel para um espirito exigente e delicado do que penetrar n'um d'estes *interiores*, onde se revelam a intimidade domestica e a intelligencia cultivada. Todos, mais ou menos, por mais modestas que sejam as nossas posses podemos realizar o ideal que uma d'estas casas traduz.

O ponto é não querer figurar maior riqueza que a que se possui, e não sacrificar ás ostentações do luxo que são o contrario do luxo, e ás imposturas da vaidade, que são o contrario do conforto — aquellas commodidades que facilmente se podem gozar, logo que se tenha um pouco de intelligencia e de gosto.

\*

Nem só os ricos têm o direito de pôr na sua vida aquelle elemento de arte e de delicada graça, sem os quaes a vida perde todo o seu encanto. Ha mil meios, para quem é pobre, de imprimir á sua casa um character original sem imitação burlesca da opulencia que se não possue.

Mais vale um ramo de flôres do campo n'um vaso de louça bonita e despretencioso, do que um objecto de fancia fingindo objecto de arte, ou uma coisa falsa fingindo de authentica e de rara...

\*

Estabelecer regras para este assumpto é tão difficil como estabelecê-las para outro qualquer caso.

Cada dona de casa tenha principalmente em vista adaptar a sua maneira de ornamentar a casa em que vive, aos rendimentos de que dispõe.

Podendo ter luxo, que o tenha do melhor quilate ; quer dizer, o luxo que a arte espirituallisa e como que sanctifica.

Não podendo ter luxo, que tenha a elegante simplicidade, o apuro do asseio, a phantasia e a graça.

Que ella evite a agglomeração enfadonha de coisas inuteis, as quaes [só se perdôam se as distingue a raridade ou a belleza artistica.

Mas, no emtanto, ornamente bastante o seu *boudoir*, a sua sala, a sua casinha de jantar, o gabinete de trabalho de seu marido, para suggerir a quem lá entra o desejo de tornar a entrar, a quem lá vive o desejo de lá se demorar longamente.

\*

Os quartos de cama devem ter, quanto possível, bastante ar e bastante luz. A hygiene moderna e as exigencias do nosso clima proscreevem d'elles os cortinados pesados, os tapetes, etc., etc.

Quando se trata do quarto d'uma menina,

tudo deve ter o aspecto fresco, simples e virginal.

Nem grandes espelhos, nem quadros, a não serem religiosos, nem ornamentações pesadas, que não são de bom gosto.

Uma instalação elegante e commoda de noivos deve constar de quarto de cama commum, dois quartos de *toilette*, casa de banho, e uma alcova interior para arrecadação de vestidos, mallas, armarios de roupa, etc.

O quarto de trabalho do marido deve quando fôr possível ser sómente para elle; reservando a mulher para si uma pequena sala onde receba os intimos e esteja durante o dia. Flôres, livros, plantas verdes, banquinhas de trabalho — tudo que dê a esta salinha intimidade, aconchêgo, ar de ser continuamente habitada, lhe augmenta e espiritualisa o encanto.

Nada mais triste que uma d'estas casas que revelam ao entendedor a quasi permanente ausencia da dona! em que não ha um livro aber-

to, em que não ha um bordado ou um desenho começado, em que uma partitura aberta na estante do piano não revela que alguem esteve alli ha pouco tempo interpretando para si, ou para os seus, um trecho de mestre, em que não ha uma flôr viçosa, em que não ha aquella desordem cheia de graça que se não póde premeditar e que só existe em salas constantemente habitadas por uma mulher de gosto e de coração.

## TERCEIRA PARTE

---

NO THEATRO E NO CONCERTO



## CAPITULO I

### No theatro e no concerto

Ha locuções, ha phrases, ha termos que são apenas convencionaes, e que se adquirem pela frequencia de certas classes; ha cousas que, pelo contrario, são inteiramente instinctivas.

No theatro, uma senhora distincta tem sempre a attitude mais correcta e mais impeccavel, e tem-n'a ainda que não aprendesse os usos, tem-n'a pelo delicado instincto do pudor, que nas mulheres é tão forte e tão incombatiavel.

Portanto, é fóra de duvida que ella se manterá na attitude mais propria; que dirá só o

que fôr conveniente e digno, que terá para com os visinhos de camarote ou de platéa (se tiver vencido o preconceito que ha contra a platéa) as maneiras mais discretamente reservadas.

E', porém, necessario accrescentar a tudo isto o cuidado dos detalhes mais minuciosos que, reunidos, tornam o conjuncto perfeito.

No theatro e no concerto, como em todos os outros lugares onde uma senhora se apresenta, o mais delicado é não dar na vista.

A posição social pôde obrigar a um certo esplendor de *toilette*, mas o esplendor não implica necessariamente mau gosto. Pôde estar-se ao mesmo tempo ricamente e simplesmente vestida. Podem usar-se joias admiraveis, mas d'uma belleza artistica que faça esquecer e *perdóar* o oiro que custaram.

\*

Chegar tarde a um concerto ou a um theatro, quando essa chegada origina forçosamente o incommodo de outros, é de gosto deplora-

vel. Entre nós a gente *do mundo* está em cadeiras nos concertos, mas sempre em camarote nos theatros. Em França ha muitas mais senhoras que frequentam os balcões e *fauteuils* dos theatros do que entre nós; ahí tambem os camarotes se dividem em logares pagos; portanto este assumpto presta-se lá a muitas mais recommendações e muitas mais regras.

\*

Os chapéus complicados, os leques inquietos, a mobilidade de posições tudo isto torna muito incommoda em geral a visinhança d'uma senhora, ou nas cadeiras d'um concerto ou na platéa d'um theatro.

Como a extrema polidez não é ainda um caracter distinctivo dos nossos costumes, recommendamos muito ás pessoas do sexo feminino, que frequentam este genero de distrações, que attendam ás consequencias ou factaes ou humilhantes que póde ter para ellas o exporem-se a qualquer observação desagradavel da parte de um visinho menos tolerante ou menos educado.

Se o homem que as acompanha corrige a inconveniencia de que ellas são objecto — expõe-se a um perigo que deve affligil-as d'um modo cruel. Se a deixa passar, expõe-n'as a ellas a uma humilhação que deve feril-as mortalmente.

Portanto quem, não tendo repugnancia á forçada promiscuidade a que se expõe n'uma platéa ou não tendo meios de alugar um camarote, frequenta estes logares, tenha o maior cuidado em se vestir de escuro, em levar um pequeno chapéu que não incommode ninguem, em não se abanar com violencia, em evitar tudo que possa trazer-lhe consequencias funestas.

\*

Nos camarotes a *toilette* varia conforme os theatros.

Na *Opera* de Pariz a *toilette* de rigor para os homens, é a que se usa nas *soirées*—casaca e gravata branca. E no *Covent-Garden* em Londres, ha exactamente o mesmo rigor de vestuario para os homens. N'um e n'outro

theatro as senhoras que estão nos camarotes da 1.<sup>a</sup> ordem, apparecem nas mais elegantes e opulentas *toilettes* — decotadas, cobertas de joias, etc.

Na *Comédie Française* tambem a *toilette de soirée* é usada na 1.<sup>a</sup> ordem. Nas restantes as senhoras vestem-se mais modestamente.

No nosso theatro de S. Carlos, em Lisboa, em que ninguem apparecia decotada a não ser em recitas de gala, em que essa *toilette* é obrigatoria, já hoje é moda para as senhoras decotarem-se e cobrirem-se de joias custosas.

Em pouco tempo tem-se dado esta evolução. De resto, com o grande augmento de preços que houve em camarotes de 1.<sup>a</sup> ordem e em frisas, coincide este augmento de luxo nos que os frequentam. Só póde ir ali quem é muito rico, e tem por conseguinte grandes requintes de luxo.

O chapéu é quasi de rigor para todos os theatros secundarios. A D. Maria e a D. Amelia vae-se em cabello, mas sempre muito simplesmente vestida de escuro, quando se não é *menina e moça*.

\*

Quando uma senhora sahe do theatro, póde e deve acceitar o braço que lhe offereça um amigo de seu marido, até á carruagem. O mesmo succede ao sahir de qualquer outro logar de reunião.

\*

Em França uma senhora só, não tem duvida em acceitar a companhia d'um amigo da sua familia para ir a qualquer *soirée* ou a qualquer espectáculo; os nossos usos proscrevem inteiramente essa liberdade.

---

## CAPITULO II

### **Da correspondencia, suas formulas e dificuldades**

Escrever cartas é talvez um dos maiores prazeres femininas. Não ha formulario para cartas que se escrevem de amiga para amiga, nem tão pouco de filhos para paes ou de irmãos para irmãs.

A melhor arte epistolar é a naturalidade mais perfeita.

Escreve-se como se fala; chãmente, simplesmente; contando o que acode aos bicos da penna, sem emphase e sem trivialidade.

E' bom, comtudo, ter presente o velho

aphorismo latino: *As palavras voam, as letras ficam*. Quando se escreve, é conveniente pensar que a carta pôde, pôr qualquer acaso, extraviar-se ou ser lida por alguém mais, além da pessoa a quem é dirigida. Evitam-se, pensando assim, graves dissabores que uma palavra imprudentemente escripta pôde acarretar sobre quem a escreveu. As regras que formulamos aqui, não se referem, porém, a este genero intimo de correspondencia. Referem-se ás cartas que todos, mais ou menos, somos obrigados a escrever a estranhos e indifferentes.

\*

A calligraphia é claro que nem sempre pôde ser bella e regular; convém, porém, que seja legivel. Escrever com tal precipitação que nem deixe formular as letras, supprimir para maior brevidade os accents, as virgulas, os pontos, ou subtrahir-se á obrigação sempre conveniente de *pôr os pontos nos ii* é dar mostras de incivilidade ou de pouca reflexão. No primeiro caso, a negligencia da escripta mos-

tra mediana consideração pela pessoa condemnada por nós a decifrar-nos os hieroglyphos; no segundo, denota fraqueza de espirito. O egoismo ou a incapacidade, taes são os traços de character que se adivinham atravez da calligraphia incomprehensivel. Tambem pôde ser indicativa de pretensões, visto como é frequente dizer-se que a lettra dos *grandes homens* é difficil de decifrar.

De resto, ainda assim o argumento não desmancha o nosso raciocinio. Qual é o *grande homem* que não fosse um detestavel egoista?

\*

As cartas extensas, que são um grande prazer quando se trocam entre pessoas verdadeiramente amigas, e entre parentes muito proximos, aborrecem sempre os indifferentes quando lhes são dirigidas. Portanto, quando escrevemos uma carta de pura formalidade ou de negocio, convém que sejamos curtos, explicitos, que digamos nitidamente o que queremos dizer, sem boleios de phrase, nem graças de

rhetorica. A phrase curta e incisiva está sendo muito moda nos tempos que vão correndo.

Mergulhar o assumpto principal n'uma complexidade de detalhes em que elle desappareça, é um defeito de estylo feminino que se deve corrigir sempre que se possa. E' conveniente, antes de começar uma carta, pensar nas occupações das pessoas a quem esta se dirige. Os homens, pela maior parte muito occupados, não teem tempo a perder na leitura de longas epistolas.

\*

A correspondencia adquire todos os dias mais importancia, a facilidade e o preço minimo do correio permitem que não esqueçamos nenhuma das nossas relações, ainda as mais afastadas. Não ha muito tempo ainda, que as despesas do correio eram tão avultadas, que não consentiam nem aos namorados pobres longas expansões epistolares. Madame de Sevigné, a mestra da epistolographia sem pretenções, a mulher que melhor soube pôr n'uma carta toda a delicia ondeante de uma

conversação intelligente e variada, era obrigada a pôr uma infinidade de noticias em cada correio. Eram bem raras então as relações de provincia para provincia, quanto mais de nação para nação! Hoje, um pequeno bilhete de vez em quando, rapidamente escripto e frequentemente repetido, basta para asseverar aos amigos ausentes que os temos na memoria do coração.

\*

Crêmos que é inutil explicar como se começa, e como se termina uma carta, tanto mais que isso varia conforme o sexo, o grau de respeito, a confiança ou a cerimonia com que se trata a pessoa a quem a carta é dirigida. Se é homem, o que escreve e se dirige a uma senhora, não é nunca exagerado o respeito com que a deve tratar.

Ha um ponto, porém, que é conveniente advertir: as cartas que não sejam puramente de commercio, teem a data n'uma linha abaixo da assignatura, e nunca no começo da pagina.

\*

O *post-scriptum*, do qual um engenhoso observador disse que é sempre o ponto importante d'uma carta de mulher, aquelle que por assim dizer contém e resume o pensamento de quem o escreveu, só pôde ser admittido em cartas intimas e de familiaridade absoluta, as quaes, como já disse, nunca podem estar sujeitas a regras convencionaes.

\*

Se uma senhora escrever a qualquer dos seus fornecedores industriaes, pôde fazel-o n'uma folha de papel aberta, e por esta forma: Fulana de tal, pede ao sr. Fulano *o favor de mandar-lhe*, etc., etc.

Este modo de correspondencia, porém, só pôde admittir-se nas circumstancias que citamos, e nunca em outro qualquer genero de relações sociaes.

\*

Ultimamente, tem-se abusado em demasia

dos papeis para cartas excentricos, dos monogrammas a côres, dos formatos desusados, etc., etc.

Nem sempre este uso se applica com discernimento e gosto.

Em primeiro lugar, n'isto, como em tudo, a *simplicidade* é sempre indicio da mais requintada educação. Uma mulher distincta terá sempre o instincto de se afastar d'ella, e de não sujeitar-se aos caprichos, muitas vezes absurdos, que o gosto de um industrial qualquer impõe aos que vivem de imitar tudo que é exagerado e excentrico.

No entanto, se fôr uma rapariga muito-moça, que, escrevendo á amiga intima, use de papel de côr, ou de formato microscopico, ou de *nuances* extravagantes, isso não tem significação de mau gosto. Se escrevermos a um estranho, com quem as nossas relações não tenham nada de intimo, o mais correcto é escrever em bom papel inglez ou hollandez, de formato regular, com um monogramma simples, muito claramente decifrável, gravado no meio e no alto da pagina.



Os monogrammas de côres, se bem que muito usados até nas mais altas classes, vão cahindo em desuso pela extrema vulgarisação que teem tido.

\*

Os brazões muito vistosos, assim como os monogrammas dourados, são adoptados pelas pessoas que gostam de fazer notavel a sua nobreza de fresca data. Uma simples corôa de conde, de marquez, uma corôa correspondente ao titulo que se usa, encimando uma inicial no papel e nos sobrescriptos eguaes — eis o que ha no genero de mais correcto.

Quando se habita no campo um solar de familia, é de bom gosto substituir o monogramma pelo nome da propriedade em que se está. Isto, porém, só póde dar-se, se fôr uma propriedade patrimonial.

\*

Uma carta de empenho deve ser laconica e referir-se unicamente á pessoa ou negocio

que se recommenda, principalmente se a pessoa interessada é quem tem de entregal-a. Falar n'ella de negocios que sejam proprios, é o mesmo que fazer do nosso recommendado um moço de recados, que nos poupa o trabalho de escrevermos mais tarde. Tambem não se deve entregar ao interessado senão aberta; a pessoa que a recebe, para a entregar, é que tem o dever de fechal-a imediatamente. Tanto falta á convenção geralmente acceita o que entregar a carta fechada, como aquelle que, recebendo-a aberta, a não feche immediatamente.

Accentuaremos uma recommendação importante: a naturalidade da expressão quando se tracta com intimos, a sua nitida concisão e laconismo quando se tracta com indifferentes, são absolutamente indispensaveis a quem quer merecer a classificação de correcto e distincto.

As cartas pelas quaes se solicita a audiencia de um soberano, de um ministro, de um alto personagem, estão sujeitas a uma pragmatica official que deverão consultar as pessoas

que pretendam ou necessitem de estar ao corrente d'essa particularidade da sciencia convencional de que tratamos.

\*

E' frequentissimo o offendermos por escripto as pessoas a quem, no emtanto, só queremos ser agradaveis. Vem isto da differença sensivel que o tom de voz, o gesto, o olhar, imprimem na palavra falada, e da seccura inseparavel da phrase escripta quando ella não fôr redigida de modo a suppôr tudo o que lhe falta na expressão. Uma phrase apenas secca que escrevemos torna-se quasi violenta para quem a lê; uma observação concisa e fria, fere como se fosse uma reprehensão. E' necessario attentar muito n'isto quando escrevermos sobre qualquer assumpto melindroso. Evitemos tudo quanto seja produzir em quem nos lêr esta impressão de frio. Um conselho dado por escripto, uma leve censura, uma phrase que tenha intenção menos benevola, dóe muito mais quando a voz humana lhe não modifica

e suavisa a expressão. E' necessario uma *arte*, que só pelo tempo se adquire, para levar a effeito este processo de *transposição* pelo qual a palavra escripta tem as mesmas *nuances* cariciosas da palavra falada, e exprime o mesmo que ella e não mais ou menos do que ella. Portanto, quem não fôr mestre n'esta arte, prefira sempre, em pontos delicados, o falar ao escrever. E' mais prudente e corre menos risco de causar feridas de amôr proprio.

---



### CAPITULO III

#### Do tacto e da correcção individual

Ha em francez uma phrase muito expressiva e absolutamente intraduzivel: *Avoir la tenue*, que incluye em si todos os elementos quasi imponderaveis de que se compõe as *maneiras distinctas* d'uma pessoa.

Todos os deveres da boa sociedade, todas as pequeninas convenções que constituem o codigo mundano, todas as praxes obrigatorias em certas posições evidentes, estão incluídas sob este termo: *de la tenue*. E' tudo, é nada.

Ter ou não ter esse genero especial de maneiras — eis a grande *questão* na sociedade.

Uma pessoa de quem os francezes dizem : *elle manque de tenue* está condemnada. Falta-lhe o ar, a linha, a maneira de apresentar-se, a *toilette*, a palavra propria para cada situação — emfim, sob o ponto de vista mundano, *falta-lhe tudo*.

\*

A *tenue* será porventura a correcção? E' e não é. Ou antes é correcção, e é mais do que isso. Dar excessivamente na vista, obrigar toda a gente a que se occupe da sua pessoa, apresentando-se de um modo em desharmonia com a moda estabelecida, falar alto, pentear-se mal, trazer as luvas rotas, calçar d'um mau sapateiro, rir a proposito de tudo, não attender, na *toilette* que se veste, ao logar para onde se vae — tudo isto e muitas mais cousas são indicadas como a falta d'aquella maravilhosa qualidade convencional, sem a qual, por mais que se faça, não se pertence ao *mundo* !

\*

Occupemo-nos d'uma senhora que anda a pé nas ruas.

Vejamos tudo que lhe é indispensavel para não faltar á correcção do seu porte. E' necessario, antes de tudo o mais, vestir-se com tão sabia simplicidade, que nenhum transeunte a noite, ainda mais, que nenhum conhecido seu, ao dizer mais tarde que a encontrou, possa saber sequer como ella ia vestida.

Nada que dê na vista, nada que attráia particularmente a attenção.

Côres sobrias e escuras; chapéu nem grande nem pequeno de mais; cabello penteado com a maior simplicidade; passo que nem seja precipitado, de quem vae salvar uma amiga em perigo, nem tão lento que pareça apenas a indolente *flânerie* de uma pessoa ociosa.

Nada de joias na rua. Os diamantes devem ser exclusivamente reservados para os saraus e reuniões nocturnas. Em Lisboa, comtudo, ao contrario do que se faz lá fóra, as senhoras que usam *solitarios*, por esplendidos que sejam, tra-

zem-n'os sempre nas orelhas. Como é muito espalhado, este uso não escandalisa ninguém.

\*

Uma mulher muito bella e muito celebre dizia que os homens nunca seguiam na rua, e nunca notavam de um modo impertinente senão aquellas senhoras que o mereciam pela sua attitude menos composta e pela desinvoltura das maneiras que affectavam.

Uma senhora distincta nunca, indo na rua, se vira para traz. Uma menina que sáe acompanhada pela sua aia, deve ter a maxima reserva no seu modo de portar-se, e não deve, sob nenhum pretexto, parar na rua a conversar com um homem, ainda que este seja um velho amigo da familia. Não ha nada mais implacavel que a malevolencia dos tôlos, e nada mais melindroso e delicado que o renome d'uma menina.

\*

Quando umas poucas de raparigas vão jun-

tas na rua, é de um gosto deploravel que cedam á tentação de dar nas vistas rindo muito, rindo alto, tornando-se notaveis pelo ridiculo dos seus movimentos de passaros em delirio. Temos encontrado muitos d'estes grupos que se julgam interessantes e que são apenas... comicos. Toda a severidade das mães é pouca para evitar estes desacertos infantis, com os quaes tantas vezes se indica o que se não é!

\*

E' de pessimo gosto para uma senhora o enlamear-se na rua. Se não tem aquella particular ligeireza com que a parisiense, por exemplo, sabe como que voar por sobre a lama, sem se deixar macular por ella; se não tem a pratica da ingleza, que aprendeu debaixo do ceu londrino, que escorre humidade e que fabrica lodo, a apanhar de um modo elegante e apropriado as saias, e a abrigar-se como que milagrosamente sob o largo chapéu de chuva, — melhor é que não sáia senão em dia de bom sol. Uma senhora enlameada, é um tal e tão

doloroso contrasenso que chega a confranger o coração de quem a encontrar.

\*

Estar muito á janella, tambem é indício de pessima educação. As meninas portuguezas tinham muito esse costume no tempo em que não havia familia que sahisse de casa em dia de semana, em que a sahida estava subordinada a formulas tão complicadas que só ao domingo havia tempo e vontade de as cumprir. Inventou-se então esta phrase um tanto reles: ser ou não ser *janelleira!* Havia meninas *janelleiras* que sabiam tudo que se passava na visinhança e que se dependuravam da respectiva sacada ou da mais pomposa varanda, desde a madrugada até ao sol posto. Esta varanda, porém, era muito menos poetica, que a de Julieta: parecia antes a gaiola dum papagaio.

Hoje a grande modificação que se tem operado no modo de viver *lisboeta* aboliu quasi a existencia da menina *janelleira*. A verdade,

porém, é que ha ainda muitas raparigas que gostam d'esta distracção, deploravel sob o ponto de vista da esthetica e da elegancia.

\*

Estar na egreja desattenta, eis outro symptoma de má educação que é necessario combater. Para a maior parte das pessoas que frequentam a egreja, a devoção é apenas um pretexto e mais nada. Se isto assim não fosse, não assistiamos ás scenas que tantas vezes ahi se dão. Não precisamos de recommendar aos verdadeiros crentes que estejam no templo com devoção e com veneração. A sua propria fé lhes indicará como um attentado contra ella a falta d'esse respeito exterior.

Aos que vão, porém, unicamente por imitação ou por habito adquirido, aos templos onde só deviam entrar os que acreditam nas verdades alli representadas, diremos que sob o ponto de vista *mundano* é deploravel a attitudo irrespeitosa que alli ostentam. A boa educação, *la bonne tenue*, para falar á franceza, são incom-

patíveis com essas exterioridades de mau gosto. Quando não seja por convicção, seja por *convenção* que elles prestem um culto exterior á religião a cujas cerimonias ninguem os manda assistir. Assistindo a ellas, tem de as respeitar, ou de parecer da mais degradante ignorancia, em tudo que respeite ás regras d'aquella educação fundamental que todos, ainda os mais plebeus, recebem de suas mães.

\*

O apuro e cuidado extremo no vestuario é um dever de educação. Que podemos nós julgar d'uma menina que se apresenta com um vestido cheio de nodoas, ou de poeira, com botinas a que faltem botões, luvas por cujos dedos saíam os dedos das mãos, com um collarinho amarrotado, com o cabello mal cuidado, etc. ?

Ha pequenos detalhes que valem só por si como os symptomas mais graves e mais universalmente condemnados !

\*

O aceio extremo e minucioso do corpo responde quasi sempre ao escrupuloso aceio da alma.

As pessoas nitidas exteriormente teem no espirito quasi sempre, se não sempre, o culto das cousas ordenadas, o amor da harmonia e da regra. Desde a mais tenra infancia é necessario e conveniente communicar aos nossos filhos esse culto, esse cuidado, esse odio á desordem, á incuria, ao desarranjo, á desharmonia physica e moral.

\*

A correcção que usamos nos nossos habitos pessoases não diz só respeito aos individuos: tambem se reflecte no meio que nos circunda. A casa em que se vive, o quarto em que se dorme, o escriptorio em que se trabalha, a sala em que se recebe, tudo denuncia o nosso apuro ou o nosso desarranjo. Não ha nada que mais

revele os habitos do individuo, do que a casa em que elle reside.

A casa é para o homem o que a concha é para o mollusco. Os habitos de um e de outro são denunciados pelo espaço em que se movem

\*

A falta de tacto, a falta de bom senso nas relações sociaes, são tão frequentes que não podemos deixar de accrescentar a este capitulo ainda algumas reflexões que a experiencia nos tem suggerido.

O exaggero ou o absurdo de certos cumprimentos, de certas amabilidades infelizmente muito usados, deve ser evitado por toda a pessoa que quer ter fóros de educada.

Temos ouvido immensas vezes gabar, por exemplo, a negrura dos cabellos que toda a gente sabe que são tintos, tomando essa negrura, ingenuamente ou velhacamente, por indício de excellente conservação. Imagine-se com que cara ha de ficar quem apanha d'estes cumprimentos!

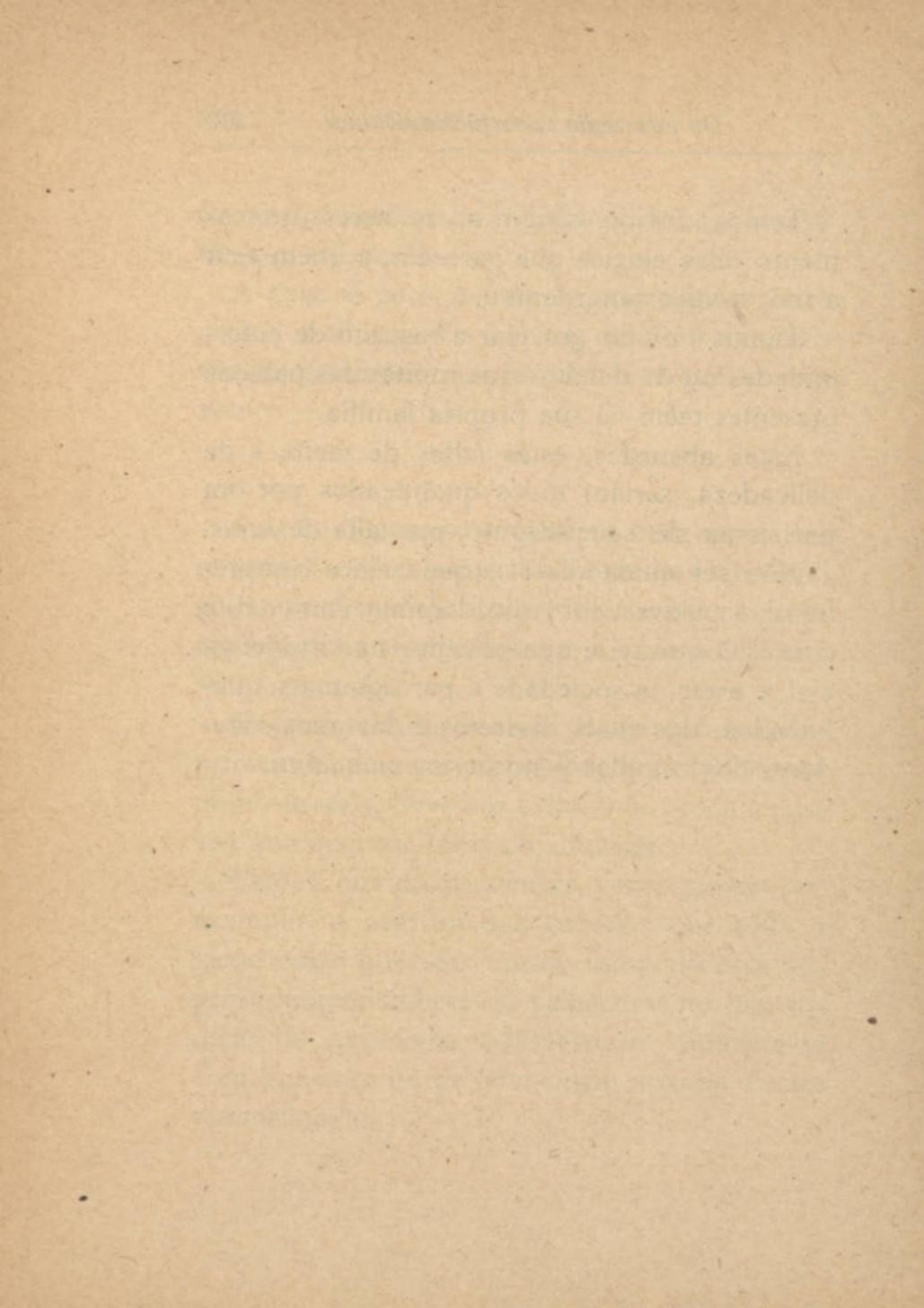
Temos ouvido dirigir a mulheres francamente feias elogios que parecem, a quem está a frio, ironias sangrentas. . .

Temos ouvido gracejar a respeito de enfermidades ou de defeitos que muitas das pessoas presentes teem na sua propria familia.

Estes absurdos, estas faltas de tacto, e de delicadeza, seriam todos qualificados por um pariziense de sangue puro, por falta de *tenue*.

\* Não sei ainda dizer o que seja a comprehensiva palavra, sob cujo dominio entra tanta cousa. O que sei é que possuir esta virtude social, é estar na sociedade a par dos mais qualificados, dos mais discretos e dos mais sabedores dos complexos *mysterios mundanos*.

---



## CAPITULO IV

### Da maneira de exprimir-se. Indícios de boa ou má educação

A *sociedade* não tem tempo de observar. Julga summariamente, julga pelas apparencias, e é raro que tenham appellação as suas sentenças. No fim de contas, ha um fundo de justiça n'este systema de julgar pelo que se vê exteriormente, pois que é raro que a hypocrisia e o tacto, combinados em dóses felizes, possam esconder os defeitos de um character, a ponto de illudir toda a gente. Um espirito baixo revela mesmo involuntariamente a sua baixaza, um egoista tem phrases, tem movi-

mentos, tem ditos pelos quaes só quem fôr muito ingenuo, deixará de comprehendel-o.

A fôrma de linguagem trivial indica quasi sempre uma origem ou uma educação vulgarissima: póde mesmo dizer-se que entre os symptomas de educação boa ou má, figura, em primeiro logar, a escolha dos termos e das locuções.

No emtanto, uma absoluta severidade n'este ponto corre o perigo de ser fundamentalmente injusta.

Muitas causas, independentes da personalidade, podem introduzir na linguagem que se fala locuções viciosas ou triviaes.

A irreflexão, o gosto de adoptar palavras novas, o instincto de imitação, o uso de falar com os inferiores, quando se exerce qualquer occupação, que obriga a demorado contacto com estes: todas estas causas diversas actuam isolada ou simultaneamente sobre os individuos e trazem o seu contingente de expressões improprias, de neologismos anti-grammaticaes e de termos vulgares.

O habito de reflectir sobre as palavras que

se pronunciam, basta para expellir da lingua-gem as locuções triviaes que para ella foram transplantadas. Quando, porém, estas são o producto do sólo, quando representam e formulam o verdadeiro character do individuo, não é na fôrma, mas no fundo, que tem de fazer-se modificações importantes.

A trivialidade não é o escolho unico que deve evitar-se na conversação e nas maneiras. E' tão ridiculo o emprego de phrases grosseiras como a emphase, a escolha de termos desusados. Ser *bem-falante*, no sentido um tanto comico que a palavra tem adquirido entre nós, é muito peor ainda do que ser levemente *populacière*. Infelizmente, o calão, o *argot*, tem-se introduzido no alto mundo moderno, pela porta falsa dos *clubs*, dos pequenos theatros, das companhias equivocadas, etc.

Rara é a mulher, em certa esphera de ociosidade elegante, que não tem, pelo marido, pelos irmãos, ás vezes até pelo pae, como a *Frou-frou*, e a *Francillon* (e o theatro moderno traduz os typos do seu tempo com excessiva naturalidade, para que não tenhamos o direito

de acredital-o) rara é a mulher que não tem relações indirectas com estes centros de familiaridade masculina, e de sem-cerimonia um tanto esbandalhada. Os homens da familia, dados á equitação, em convivencia estreita com todos os personagens accessorios da nobre arte do marquez de Marialva, levando parte da vida nos *clubs*, em que se joga e se fazem armas e se empregam os termos especiaes de qualquer d'estas distracções aristocraticas, frequentando theatrinhos ordinarios, falando com certa ordem de pessoas, cuja phrase tanto tem de pittoresca quanto de incorrecta, levam desgraçadamente para o interior da familia *legal*, que devia ser inviolavel e sagrado, os vestigios das pessimas frequentações que tem lá por fóra.

Quantas vezes temos visto sahir da bocca rosada e fresca de um cherubim de cinco annos, muito loiro, muito garridamente vestido, com os lindos cabellos annellados, e um aspecto de *bébé* delicioso, — phrases de *calão* horripilantes e antipathicas, que elle ouviu ao mano mais velho, esperanza e gloria da familia!...

Tanto isto é assim que, em certa casta, ainda especializada pelos costumes se não pelas leis, é mais admissivel a phrase em *calão* que a phrase altisonante e rhetorica que os *meninos instruidos* de espheras menos altas manejam, ai de nós, com pouco louvavel prodigalidade!

Ambas as cousas são condemnavéis.

A extrema simplicidade de linguagem reunida a uma certa elegancia que deve ser natural, de usos, maneiras e expressões, dão o ideal d'uma perfeita educação.

No ar um tanto masculino e livre que certas raparigas querem tomar por uma affectação que, em verdade as torna ridiculas, nem o apuro grammatical, que faz parecer a quem ouve que a pessoa que lhe fala está lendo uma *selecta*.

Não é possível indicar todos os termos que seria, de bom gosto evitar, para não parecer nem excessivamente apurada, nem excessivamente descerimoniosa. Ha phrases que, pela condemnação a que certas classes as votam, e pelo uso excessivo que d'ellas fazem outras

classes menos privilegiadas, dão logo a revelação do papel que occupa no mundo quem as usa.

Taes são: *trem*, em logar de *carruagem*; *nutrida*, em logar de *gorda* ou de *forte*; *bon-dosa*, em logar de *bôa*; *minha senhora*, em logar de *minha mulher*, etc., etc.

Tratar o marido pelo appellido em vez de o tratar pelo nome proprio é tambem passar a si proprio um attestado de burguezia inviolada ainda pelos privilegios da moderna nobreza.

A fusão de classes, cada vez mais pronunciada, acabará por constituir a chamada *sociedade*, — d'antes tão exclusiva e dominada por leis tão despoticas e tão especiaes, — com todos que forem ricos, deixando apenas de fóra todos os que forem pobres. As influencias reciprocas que entre si exercerão os modernos e os antigos representantes do mesmo privilegio de brilhar e de ser ocioso, privilegio que ha de ser eterno porque ha de durar emquanto durar a vaidade humana, — fará com que o *tom* geral da sociedade desça bastante, mas permittirá

tambem que se eleve sufficientemente a educação e o *savoir-vivre* dos novos intrusos que n'ella se estabeleceram triumphantes.

Estamos em tudo n'uma época transitoria e indefinida, para a qual toda a regra seria insufficiente, e que hade desbordar para além de toda a *ordem* pre-estabelecida. E' o que constitue a difficuldade d'um livro d'este genero.

\*

O pedantismo que alguns vaidosos ostentam para parecerem superiores, encontra logo o correctivo na quasi imperceptivel mas cruel ironia com que o *mundo* o recebe. Ha, porém, outro defeito que cumpre evitar: é o emprego do termo tecnico de cada especialidade que se cultive. Os medicos, os philosophos, os negociantes, os engenheiros, etc., etc., — frequentando a sociedade, nem sempre escapam a esta revelação involuntaria do mister que exercem. Ora nas salas da sociedade propriamente dita é que cumpre esquecer o que se é cá fóra.

Lá dentro cada um é simplesmente um ocioso que se diverte.

A perfeita egualdade entre todas as pessoas que se reúnem n'um salão é a principal cousa exigida para que essa reunião seja agradável e logica. Toda a preocupação de ordem estranha ao fim para que alli se está, é pois desca-bida, inconveniente e absurda.

\*

A pompa, os adjectivos bombasticos, a exa-geração nas expressões, a grosseria de termos, a correcção gramatical levada aos extremos da pretenção — tudo isto é igualmente denuncia-dor do pouco habito da sociedade, ou de fre-quentações pouco elegantes.

E' tambem indispensavel ter em vista uma cousa: que sendo o mundo uma concorrência de vaidades, só se mantém pela neutralisação de umas pelas outras. Ninguém deve em pu-blico mostrar-se orgulhoso do seu nome an-tigo, ou da sua opulencia excepcional ou da alta posição que occupa ou que occupam os

seus, ou da sua intelligencia incontestada — ou de qualquer superioridade social, moral ou intellectual que lhe caiba em sorte. Quem o fizer fere implacavelmente a maioria que o cerca, e a maioria é quem afinal triumpha e vence no odio ou no desdem com que pretende vingarse de quem tentou humilha-la.

A modestia e a simplicidade nunca ficam tão admiravelmente bem como áquelles que teem alguma cousa visivel, incontestavel, de que orgulhar-se interiormente. A mais inoffensiva e a mais geralmente perdoada das vaidades — a da belleza feminina — ainda assim encontra antipathias e detractores, quando essa ostentação de dotes, que todos vêem, não é acompanhada por uma certa graça ingenua, que ás vezes torna irresistivel a mulher *coquette* e faz com que todos lhe perdõem o seu visivel defeito.

As democracias sob a apparente bonhomia dos seus costumes são de uma vaidade e de uma pretensão muito mais feroz que outros estados sociaes, que parecem dever peccar por esse lado.

E onde todos querem ser tudo, e se julgam

com direito a tudo, as susceptibilidades são mais melindrosas, as ambições são muito mais vivas, os orgulhos são muito mais sensíveis — e portanto é necessario muito tacto natural e adquirido muita perspicacia de intelligencia para manobrar sem desastre no meio de tantos interesses oppostos e de tantas paixões em plena vitalidade e em pleno desenvolvimento. A vida social hoje é uma batalha em vez de ser um deleite. Só os muito moços, os que não vêem quantas serpentes se abrigam sob as moitas brilhantes das suas flores, é que a apreciam sem pensamento algum reservado.

\*

A polidez extrema, esse encanto de outra geração, não era nunca intermittente nem se modificava segundo as relações reciprocas das pessoas, ou segundo o grau de intimidade que as unia. Era sempre uma e a mesma. Como era perfeita, tinha a completa comprehensão dos mil cambiantes que a constituíam. Quem a exercia, ou se dirigisse a um superior em

hierarchia social, ou a um inferior, a um igual em posição ou a uma pessoa muito mais moça, a um membro da sua familia ou a um estranho, era sempre impeccavelmente correcto, usando a phrase mais propria, exprimindo o sentimento mais adequado.

A civilidade que tem altos e baixos, que só serve para usar fóra de casa, que só se exerce com pessoa de quem se depende ou de quem se pretende, é um aspecto da falsidade e da hypocrisia humana: não é mais nada.

Todos devem procurar possuir e applicar a primeira; todos devem evitar os vicios de educação que andam associados a esta ultima.

Ser polido, attencioso, previdente, é cumprir, trocada em preceitos de uso quotidiano, a mais bella virtude do christianismo: a caridade e o amor do proximo. A origem d'esta virtude social é ahi que poderemos encontral-a, é por esse lado que ella se nobilita e se levanta.

---



## CAPITULO V

### Do modo de tratar os inferiores

Uma das cousas a que, na educação que damos aos filhos e depois na educação mais tardia e talvez mais proficua dada por cada pessoa a si propria, mais cuidadosamente se deve attender, é ás *relações de superior para inferior*.

Demasiada familiaridade rebaixa uns e demoralisa os outros; demasiada distancia quebra completamente aquella cadeia de affeição mutua, que deve existir entre os que protegem e os que dependem; demasiado rigor indica

um desmedido e inoportuno orgulho da parte dos que o exercem, e suggere odios ferozes e invejas terriveis em quem lhe soffre a pressão.

A maneira porque uma senhora trata os seus creados, revela mais do que nenhum outro symptoma externo, a maneira por que ella entende os seus deveres de christã.

\*

Não é a minuciosidade excessiva das praticas devotas, não é a frequencia continua das egrejas, não são os ajoelhamentos permanentes em face dos altares, que constituem toda a obediencia aos preceitos do christianismo. A bondade, a caridade, a perfeição no amor do proximo, requerem mais sacrificios de temperamento e o exercicio permanente de uma abnegação muito mais difficil.

No modo por que hoje a familia está constituida é muito mais intrincado para cada senhora e para cada homem o problema de cuja solução aqui se trata.

A familia portugueza deixou ha quasi um seculo de ser aquelle organismo completo em que, desde o chefe até ao mais humilde servo, todos funcionavam sob o impulso do mesmo pensamento e da mesma lei. Os criados já não são o prolongamento humilde da familia, já não têm em commum com os amos os mesmos interesses e os mesmos fins, já não se apaixonam pela honra e pelo bom nome da casa a que pertencem, já não dependem absolutamente do tecto carinhoso e protector que os abriga de geração em geração.

Conheci ainda velhas casas onde essas tradições duraram até bem tarde, onde os criados tinham nascido, e onde tinham visto morrer paes e avós, gerações humildes que se haviam enlaçado á forte geração que os dominava desde seculos, e que pareciam tão estreitamente identificados com as suas alegrias e tristezas, com as suas glorias e os seus desastres, que a sorte d'uns era a sorte d'outros, e que nem a imprevista miseria teria o poder de os separar.

Hoje, porém, onde é que existem vesti-

gios sequer d'essa nobre existencia patriarchal?

A vida moderna, com a ferocidade do seu egoismo, com a multiplicidade infinita das suas exigencias, com a lei ferrea do seu luxo apparente, com o desamoravel instincto da ephemera duração de tudo que a constitue, não consente tal existencia ao mesmo tempo grandiosa e sobria, em que *todos* viviam á sombra de *um*, e em que esse um se privava, para repartir com muitos, dos seus haveres e do seu bem estar.

\*

Nas casas modernas, salvo rarissimas excepções em que subsiste ainda uma certa comprehensão do viver de outras eras, os criados entram e sahem, hospedes de um dia, espiões malevolos e inintelligentes que pervertem tudo que vêem e desfiguram tudo que ouvem, automatos que obedecem a signaes convencionaes, sem alma, sem coração, sem moralidade e sem affecto.

De que isto é um dos peores symptomas da

decadencia moral das gerações presentes, não ha decerto quem dúvide. Que é possível evitar este mal e esta perversão da idéa da familia, provam-n'o algumas excepções que tenho o gosto de conhecer a regra tão abominavel.

E' dos donos da casa que depende em primeiro lugar escolher os seus criados, attendendo a condições de moralidade austera, depois conservál-os, educal-os, affeioal-os, transformal-os de inimigos disfarçados em amigos humildes, respeitosos e fieis.

\*

Da maneira de os tratar é que isto principalmente deriva: isto é, da maneira de os tratar e da maneira de os escolher.

Se em vez de se sentirem desprezados e tolerados como trastes necessarios ou animaes domesticos indispensaveis, elles sentirem que na doença, na adversidade, no trato quotidiano, elles são considerados como pessoas humanas e como taes soccorridos, consolados, e respeitados — sim, *respeitados*, porque todo o

sêr humano tem direito ao respeito de outro ser — tenham a certeza de que em breve essa influencia moral se ha de fazer sentir de um modo benefico no organismo interno do *ménage*.

A' surda malevolencia succederá o affecto ; á ironia disfarçada em attitude impassivêl succederá o interesse por tudo o que pertença de perto aos amos ; á desconfiança, á indifferença succederá um modo humano emfim de comprehender o dever e de o cumprir.

E' por isso que eu me não cançarei de recomendar áquelles que tenham *charge d'âmes*.

— Sejam bons, sejam bons, sejam bons !

E' ainda o unico meio de vencer as agruras, as difficuldades, as tristezas da vida.

\*

E' escusado repetir que a familiaridade excessiva com os inferiores é de todos os meios a empregar com elles o peor. A educação estabelece barreiras que a caridade transpõe, e annula, mas que se não destróem impune-

mente nem para os que estão em baixo nem para os que estão em cima.

A velha fidalguia portugueza, modelo em tão poucas cousas, era, porém, um modelo precioso a seguir no modo de lidar com os inferiores.

Criados de casa ou servos de lavoura, velhas aias encanecidas no serviço, antigos mordomos para quem os filhos da casa eram idolos estremecidos, nenhum dos membros humildes da familia antiga esquecia o respeito, a veneração affectuosa que os ligava a seus amos. Porque? Porque elles sabiam proteger com dignidade, estimar sem rebaixamentos, e mostrar a propria superioridade sem humilhação dos que dependiam d'ella.

\*

Aos nossos filhos não nos esqueçamos nunca de sugerir o amor dos humildes. A democracia tende, é verdade, ao nivelamento de todas as classes, não levantando as que estão mais em baixo, mas rebaixando tudo que ex-

ceda a craveira commum; a nossa sociedade utilitaria e scientifica não póde, porém, ignorar que as deſegualdades estão na Natureza, e hão de fatalmente subsistir na sociedade, e que entre os que teem e os que não teem, entre os intelligentes e os imbecis, haverá eternamente barreiras que só a bondade, a caridade, a alta comprehensão do altruismo, saberão vencer e destruir utilmente.

---

## CAPITULO VI

### Regras para as creanças

As mães são sempre e em todos os casos as melhores educadoras do sentimento e do character de seus filhos. E' certo, porém, que ellas nem sempre dão a devida e indispensavel attenção ao exacto cumprimento, por parte das creanças, de certas regras de educação elemental, que sendo colhidas e assimiladas na primeira infancia, não chegam nunca a transformar-se em actos espontaneos e involuntarios do individuo. Ha noções que precisam de ser poderosas como instinctos, para que

nunca na occasião propria deixem de manifestar-se.

O jogo do duellista, conjuncto de regras aprendidas, transforma-se n'um conjuncto de movimentos involuntarios e instinctivos de ataque ou de defeza.

Isto que diz respeito ao codigo a que se subordina o jogo das armas, tambem diz respeito ao codigo das convenções sociaes.

\*

Deve, portanto, haver o maior cuidado e a maior vigilancia no modo por que as creanças executam os mil pequeninos deveres a que ellas são forçadas, logo que principia a sua lenta iniciação nos usos e costumes da communidade humana.

\*

A primeira obrigação das mães é não permittirem que o carinho de seus filhos se transforme em familiaridade excessiva, o que é sempre uma falta de respeito. Nem tanto respeito

que exclua a ternura da alma infantil, nem tanta confiança que possa, a olhos desprevenidos, parecer menos veneração.

N'isto, como em tudo, o instincto delicado das mães as advertirá do meio termo que é util manter.

Os paes ou são severos demais, ou descaem facilmente, sobretudo com as filhas, n'uma indulgencia que é muitas vezes funesta.

E' sempre indicio de má educação essa extrema sem-cerimonia entre paes e filhos, para que a moda actual está talvez] pendendo um pouco.

E' necessario que as creanças aprendam a tratar os inferiores, os criados, a gente do povo com quem tenham de lidar, ou vivam no campo ou na cidade, com muita bondade e uma tal ou qual distancia determinada pela differença de educação.

E' bom que ellas saibam que esses seres inferiores são nossos irmãos, a quem falta sómente o beneficio da instrucção, da educação,

e da ociosidade; que as desigualdades sociaes não podem destruir-se, mas que se attenuam pela doçura e pela generosidade de coração dos que estão mais alto, e pelo respeito confiante, sem abjecção e sem servilismo, dos que estão em baixo. Destrua-se na creança a semente má do orgulho. Mostre-se-lhe quanto valem, muita vez pelo coração, pelas nobres virtudes que se não aprendem, esses humildes irmãos a quem foram incumbidos os mais duros trafegos da vida.

Ao mesmo tempo convençam-se docemente e sem injustiças de apreciação, tão difficeis de desarraigar mais tarde, que é conveniente que não haja excessiva intimidade entre esses pobres trabalhadores que o proprio excesso do trabalho faz grosseiros de palavras e de maneiras, e os pequeninos que teem de aprender pelo contacto e pelo contagio a elegancia requintada de apresentar-se e comportar-se.

\*

Façam-lhes comprehender as excepções que

é conveniente abrir na ultima condição d'esta regra geral. Por exemplo, o amor e respeito pelos velhos servidores, que são o complemento e a prolongação da propria familia, e que tão raros se vão tornando, talvez porque já não ha senão muito poucos amos que os mereçam. Com estes, o respeito deve ser quasi filial, a ternura deve ter ao mesmo tempo tons submissos e tons de ineffavel protecção.

Para as creanças elles são humildes amigos que é necessario amparar e proteger, e velhos preceptores que devem attender-se e ouvir-se. Nunca é demasiado o cuidado que as mães tenham em desenvolver no coração de seus filhos pequeninos o germen dos mais puros e elevados sentimentos de caridade, de justiça e de bondade inexgotavelmente fecunda.

\*

A maneira por que a creança deve aprender a comportar-se na igreja para que mais tarde, como homem, não esqueça essas noções

de elementarissima educação, deve ser singularmente escrupulosa. E' necessario que ella aprenda a compenetrar-se da ideia de que está n'um logar santificado pela piedade e pela tradição dos homens, para que mais tarde, ainda mesmo quando tenha a infelicidade de perder a fé, nunca imagine que adquiriu a faculdade de perder o respeito! N'este ponto recomendamos particularmente ás mães e educadores que se não esqueçam de radicar na alma dos filhos ou educandos estes principios de sã educação: nenhum homem tem o direito de ultrajar a crença e opiniões de outros homens.

Estar na igreja sem a maxima veneração e o maximo respeito, é não ter distincção de maneiras, nem elevação de sentimento.

\*

O respeito para com os mestres deve ser exemplificado pelos paes.

E' indispensavel que estes tratem os professores de seus filhos com a maior urbani-

dade, com a delicadeza mais requintada e a consideração mais vizível. Tambem não devem nunca esquecer-se de que uma observação menos benevola, feita deante das creanças a respeito d'estes seus superiores, póde produzir logo ou mais tarde os mais funestos resultados.

\*

A' meza, quem não observa minuciosamente os pequeninos e variados ritos pelos quaes uma pessoa de educação elevada se conhece immediatamente está condemnado, qualquer que seja o seu nome ou a sua posição, á subalternidade social a que nem sempre escapam nas salas os mais altos personagens politicos do nosso tempo.

De creança se deve pois aprender estas pequenas cousas tão grandes, pelas quaes se distingue quem é e quem não é educado.

A creança deve saber que é inconveniente á meza gesticular, falar alto, encostar-se ás costas da cadeira em que se está sentado, mos-

trar preferencia ou antipathia ruidosas ou mesmo viziveis por este ou por aquelle prato, etc.

Deve saber que só enquanto durar a primeira infancia é que é admissivel o uso de lhes extenderem o guardanapo de modo a tapar-lhe o peito, pois que as pessoas grandes só devem desdobrar metade do guardanapo e collocar-o sobre os joelhos d'um modo pouco evidente, etc.

Deve saber que os fructos se partem com facas especiaes e proprias, que tendo a lamina de certo metal não produzem a decomposição dos acidos, isto é, o ennegrecimento da superficie polposa da fructa que se está cortando.

Enumeremos rapidamente uma serie de pequenas regras indispensaveis. As fructas nunca se esbrugam inteiras, á excepção da laranja. Nunca circularmente, mas sim cada quarto de per si, de alto para baixo.

A porção de carne ou de ave que se tira para o prato, só é cortada á proporção que se vae comendo. Segura-se o garfo na mão es-

querda, a faca na direita, e assim se procede á operação de ir cortando cada pequeno pedaço.

Nunca se pega n'um osso de ave com a mão. E' com a faca que as azas ou pernas de qualquer ave se esbrugam.

Nunca se toca com faca no peixe, seja este qual fôr. E' com o garfo, que este se desfaz.

Metter a faca na bocca é a ultima inconveniencia que póde commetter-se a uma meza.

Molhar o pão no molho é sempre ridiculo; fazel-o com o pedaço de pão na mão, em lugar de ser na ponta do garfo, é indesculpavel. As creanças aprendem a commetter este peccado de leza-distincção por gulodice. Cumpre corrigil-as a tempo.

Nos jantares servidos á *franceza*, quer dizer, n'aquelles em que estão sobre a meza todos os pratos, os homens nunca devem servir-se emquanto as senhoras não estiverem servidas.

Nos jantares á *russiana*, em que a sobremeza só está collocada sobre a toalha, e o serviço é feito em volta da meza, ninguem deve

perturbar o serviço, deixando que elle corra regularmente, como fôr ordenado pelos donos da casa.

Quando ao almoço se comem ovos quentes, deve quebrar-se a casca depois de elles servidos. E' de mau gosto deixar-lhes as cascas inteiras.

Não deve comer-se nem com rapidez excessiva, nem com excessiva lentidão. Qualquer das duas cousas indica a ausencia d'aquella polidez sob a qual o egoismo tem de acobertar-se continuamente para se não tornar insupportavel.

As porções de que cada conviva se serve não devem ser d'uma abundancia pantagruelica nem de uma exiguidade rizivel. Qualquer dos excessos indica falta de uso da sociedade. Uma, revela habitos glotões, que são repugnantes; outra, desdem pelas iguarias que nos são servidas.

E' difficil enumerar todas as pequenas regras que constituem o codigo de boa educação n'este ramo importante. Subordinam-se todas ao principio de não nos tornarmos incommo-

dativos, desagradaveis nem comicos aos olhos dos nossos vizinhos.

Parecem insignificantes estes pequenos e miudos preceitos: pois quem os esquecer ou os não tiver aprendido opportunamente, é condemnado sem appello, por mais merito que tenha sob outros pontos de vista, na primeira apparição que faça na scena social, onde todos nos observamos para mutuamente nos denegrirmos, justificando assim o celebre e tão contestado conceito: *o homem é um lobo para o homem.*

FIM



INDICE



## PRIMEIRA PARTE

---

### OS TYPOS

	PAG.
O perfeito homem de sala .....	7
A senhora da alta sociedade .....	25
O snob.....	39
A dona de casa perfeita.....	49
A apresentação no mundo .....	67
Convites para jantares.....	71
A' mesa do jantar .....	83

---

## SEGUNDA PARTE

---

### USOS, COSTUMES, CONVENÇÕES

Grandes recepções. Concertos. Representações. Bailes	105
Pequenas reuniões nocturnas.....	123
Das visitas em geral e da arte de receber.....	133
Da mobilia e decoração interior das casas.....	157

---

 TERCEIRA PARTE
 

---

## A VIDA QUOTIDIANA

	PAG.
No theatro e no concerto .....	189
Da correspondencia, suas formulas e difficuldades....	195
Do tacto e da correccão individual.....	207
Da maneira de exprimir-se. Indicios de boa ou má educação.....	219
Do modo de tratar os inferiores.....	231
Regras para creanças.....	239

---

50  
 23070









2/12

